

CEDI - P. I. B.
DATA 14/04/87
COD. 030190

RIO BRANCO (MISSOES)

(CRONICA)

1909-1910

Contém: Relatório sobre a perseguição dos missionários

-1-

Chronica da Missão do Rio Branco.

Pela primeira vez, ainda antes de ter alcançado o lugar de seu destino, mandou a nova comunidade do Rio Branco a sua chronica. A quantidade de assumpto e a conveniencia de não deixar por muito tempo nossos caros irmãos sem noticias, justificarão bastante esse proceder, ainda mais que temos - aqui em Spaniards - mais 8 dias de ferias forçadas, sendo que devemos esperar a condução com a qual possamos seguir ao Rio Branco. Dito isto vamos agora encetar nossa narração no ponto em que o vapor « Propit » do Loyol Brasileiro deixou o magnifico Guanabara Vagando sahido do rio do porto aos 27 de abril, numo III feiro, passando em frente do nosso querido mosteiro do Rio, agora Abbedalio Nullius e Se da Prelazia do Rio Branco. Abi estovam a janella da sala do recreio o Ex^{mo} e Rev^{mo} Int. D. Archibaldo Bispo, rodeado dos caros irmãos da comunidade do Rio, enviando as ultimas saudações, dando umo ultima benção paternal, e os irmãos unidos com o Rev^{mo} Pae proferiram uma prece devota a Estrella do mar. Um sombra de tristeza quiz encarecer o bello ceo das nossas esperanças, quiz ancisar os nossos animos, fazendo-nos ver um futuro incerto, cheio de perigos e funestas probabilidades, mas as trevas ~~placidas~~ ^{deviam}

-2-

sipar-se agora, deviam ceder o lugar a um ponto entusiasmado, a uma confiança em Deus ilimitada, vencedora, pois vamos em santa obediência, com a bênção do nosso venerado pai e chefe em Christo e apoiados pelas preces de nossos caros irmãos, vamos corajosamente entrar as gloriosas batalhas de Deus - si Deus pro nobis quis contra nos? - Assim fallava o invisível pastor aos nossos corações, segredo, intimo como é o seu modo, e logo, o céu das nossas almas tornou-se de novo tão claro e lucido como ex firmamente, onde brilhava o astro do bem em todo seu esplendor.

Apenas alcançado o alto mar a Cruz ergueu seu dominio e do bello jardim dos nossos ideaes e reflexões consoladoras fomos lançados para a realidade mais prosaica possível. O mar era bastante agitado, as ondas batiam com impetuosidade contra os flancos do navio, aquelle monstro negro - o mal do mar - assaltou um depois do outro, obrigando-nos a uma luta mais ou menos renhida: só os bons irmãos leigos fizeram-lhe uma completa derrota. Em taes condições chegamos até o Recife (3 de Maio) em Olinda foi grande nossa admiração ao ver os progressos que se fizeram de pouco do feliz governo do Rev. Sr. D. Abbade Pedro. O interior do templo restaurado com gosto, predominando cores claras, suaves, os bellas altares, o vicio sacro em relevo, primor d'arte simples e mod.

3.

Bre, a limpeza do acido, a luz um tanto mole-
rada, o altar-mór com um magnifico tabernacu-
lo, tudo isso fallou ao coração sua lingua pro-
pria, consola, regosijio. O bonito refeitório, o ca-
pitulo, o claustro, a situação mesmão de most-
eiro d'onde se goza d'umã vista encantadora
sobre as montanhas do interior e, o vasto oce-
ano, são tantos traços amáveis que fazem de
Olanda uma jóia de habitação monástica.
Houve entre nós ~~que~~ ^{quem} formasse o desejo que fos-
se o futuro mosteiro do Rio Branco uma có-
pia do de Olanda. Metade da communidade
de nós estava presente, porque pouco antes
houve perigo de febre amarella. Fomos também
visitar as veneráveis irmãs Benedictinas no ca-
sa de Misericordia, onde fomos acolhidos com ca-
ridade e delicadeza. Providos com alguns ani-
maes domesticos que offereceram as boas reli-
giosas ao nosso P. D. Porventura, regressa-
mos ao vapor que sahio pelas 9 horas da tar-
de. Ao amanhecer do dia seguinte chegamos
ao porto de Labedello onde o vapor havia de
ficar por algumas horas. Comtudo tinhamos a fe-
licidade de encontrar o caro Rev. P. D. Adalrico,
com quem podiamos conversar uma hora a hor-
do. No outro dia estivemos em Natal. Conhe-
cendo D. Adalberto, nesto cidade, alguns Ca-
dres, antigos amigos de Parahyba ~~o~~ pal-
tamos a terra para celebrar na matriz. Acol-
heram-nos com carinho e fineza, e nos con-
taram de quanto o P. P. D. Adalrico goza da

-4-

estima geral em Paratyba, o que muito nos re-
gostou. De Natal partimos no dia 5^o pela tarde
e depois de uma viagem de 20 horas chegamos
em Fortaleza. Lá esperou-nos nova consolação:
a visita do Rev^{mo} Sr. D. Abade Coadjutor do
Rio, acompanhado do R. P. D. Bonifácio, Prior de
Santa Cruz, e do gentil jovem Sr. Joaquim Al-
bano, filho do Sr. Juco Albano, consul allemão.
Fomos com elles á terra, onde fizemos a pri-
meira visita ao Ex^{mo} e Rev^{mo} Sr. Bispo Coad-
jutor D. Marnel, sendo ausente o dignissimo Sr.
Bispo diocesano. A conversa com o ilu-
strissimo prelado era sobremaneira agradável
e deixou as mais gratas impressões. Do
palacio episcopal fomos conduzidos ao casa do
illustre amigo nosso, o Sr. Juco Albano, on-
de passamos umas horas felizes e agradáveis
no meio d'essa excellente familia. Logo de-
pois tocou a hora de despedidos. Voltan-
do ao vapor encontramos-nos com o nosso
distincto amigo Sr. Barão de Studart; au-
mos, sendo entusiasmado e deu-nos a hon-
ra de nos acompanhar até á praia. Já era
noute quando fomos recolher-nos ao vapor após
uma cordial despedida do Rev^{mo} Sr. D. Aba-
de Chrysostomo e de nossos amigos. A se-
guinte escala fizemos em Itaipó, uma das
6 embocaduras do Paratyba, lugar sem brisa,
desolado; era VI feira, 7 de Maio. Desde que
debramos o cabo de São Roque, o mar erodiu
tanto mais branco, continuando a viagem torren-

5.

de muito fadigante; buscamos consolo na leitura de alguns bons livros. O porto de Aparanhou, em que ancoramos no dia 9 de Maio, offerece uma vista bella e amena; uma de suas muitas ilhas, eleva-se a pizante de São Luiz no meio dumo vegetação rica e variada. O R. P. Inferior, acompanhado do R. D. Pedro foi visitar neste lugar ao Ex^{mo} e Rev^{mo} Inr. Bispo diocesano e aos R. P. P. P. Capuchinhos. Saímos deste porto, tambem de noite, como de costume, e passamos entao outros 2 dias no mar, até 11 de Maio, em que entramos no vasto estuario, chamado Rio Parai. O vapor parou aqui ás 10 horas da noite para esperar até a manhã, só entao devia aportar a Belém. Quando amanhecemos no dia 12, III feira, vimos o horizonte limitado por faixas de terras cobertas de florestas; ao aivorecer o dia, levantou fumaça sobre o navio e, penetrando as aguas escuras provenientes dos rios Tocantins e Amazonas, fez sua entrada solenne no majestoso porto de Belém-Parai. Eram 8 horas quando estivemos em frente da grande metropole do Norte, cidade bella e moderna, situada num solo fertil e pujante. No porto ha muito movimento, navios, lanchas, veleiros; barcas de todas as especies e tamanhos cruzam-se em diversas direcções. No cais aglomerou-se umo multidão de homens e pouco depois essa multidão agitada invadiu tambem o nosso vapor. Entre os que visitavam o vapor se achava um rapaz gentil e sympathico, que foi mandado pelo Ex^{mo} e Rev^{mo} Inr. Arcebispo do Parai, D. Sim-

-6-

tinha Coutinho para nos receber. Fomos pois à terra e em poucos minutos estávamos no palácio arqui-episcopal, onde S. Ex.^{cia} Rev. ^{ma} nos recebeu com muita bondade e carinho; passamos ^{na} ~~na~~ casa hospitaleira 2 dias felizes. O R. P. D. Superior, vigário geral, junto com D. Boaventura foram visitar ao Sr. Intendente do Município, que os recebeu com exquirito delicadeza; fizeram-lhes presente de 2 albums de lincé de Belém e Pará, e de outros pontos ovinol. D. Adalberto e D. Beda com os dois irmãos leigos Gaspar e Melchior foram cumprimentar os R. P. P. S. Capuchinhos, que, jubilosos, lembraram a amizade histórica entre os filhos do Patriarca de Monte-Cassino e os do Pábre de Assis. Vimos também o jardim zoológico-botânico e o Museu Galetti; neste ~~último~~ tivemos ampla occasião de admirar as bellissimas collecções da flora e fauna amazo-nenses e apreciar os objectos mais curiosos da ethnographia indígena. Um gosto mais elevado, esthetic, tivemos no interior da cathedra. É uma joia esse santuario, com effeito as bellizas da harmonia architectonica, as pinturas do maõ de Apetre, as estatuas e columnas de marmore postas em verdadeiro relevo pela luz amena que se espalha com profusão pelo vasto edificio: tudo parece concorrer para fazer deste templo uma obra prima d'arte, a qual é de facto estimado como um dos mais bellos de toda a America do Sul. Custou-nos muito nos separar desse santuario, mas a ho-

ra da bahia da margem. Despedimo-nos do digníssimo
 Sr. Araújo com cordiaes agradecimentos e fo-
 mo-nos recolher no vapor. Aqui recebeu-nos com
 sua visita um senhor paraense, que possui fazen-
 das nas bandas do Rio Branco; tendo sabido da
 nossa chegada, offereceu-nos espontaneamente
 seus obsequios e já nos tem prestado serviços
 valiosos com as informações exactas que nos
 deu em todo o respeito. O condado d'elle, que
 chegou ao vapor pouco mais tarde, nós ac-
 companhari talvez ~~da~~ viagem de Maranhão à
 Boa Vista. Ouvimos também d'esse Senhor que o
 Cond. por do Rio Branco está aguardando
 a nossa chegada; nós não menos anhelamos arribar
 a ali em que ~~temos~~ faremos a fe no solo
 da nossa terra de promissão. Enquanto ainda
 estavamos tratando com os nossos novos ami-
 gos do Rio Branco, veio de improviso o Ex^{mo}
 e Rev^{mo} Sr. D. Dom João, Prelado de Santarém.
 O illustre Sr. Bispo conversou connosco al-
 gum tempo e recolheu-se depois ao palacio ec-
 clesiastico. Deixamos a parte de Belém aos 13
 de Maio V feira, o vapor tomou a direcção
 da entrada do estreito de Breves que os can-
 çãos falam tarde; é esse estreito um canal
 que estabelece communicação aberta entre o
 Amazonas e o Rio Pará. Nessa região prin-
 cipalmente suas ilhas semeadas no estreito a
 natureza desenvolve ~~em~~ uma fungão prodi-
 giosa; ali com as plantas tem outras organi-
 zações, representas novas especies, novas variedades

-8-

A peringueira (*Levea brasiliensis*) com seu tronco alto, delgado, nas majestosas palmeiras de todas as espécies, a elegante assaí, a rúcua, a arucury levantam suas coroas ao céu; emquanto ao pé das árvores, inúmeras parasitas e cipós, plantas herbáceas, gramíneas altas e elegantes, annolineas flexíveis formam ricos tapetes ou tecem um manto espesso com que vestem troncos mortos ou, formando colunas verdes, fenolram como grinaldas de árvore em vive. Profundo silêncio reinou nos seus hallas vorolejantes, interrompido apenas pelos gritos de alguns papagaios ou pelo estampido monotono das marchas do vapor. Mostro-nos obedientes a essa lei de tranquillidade as proprias aguas, cuja superficie igualava um lago sereno. Nesse meio maravilhoso a alma do viajante religioso deixava-se in a contemplação das magnificencias da natureza tropical e adora, affresco, humilhado, a grandezza do creador. Poras vezes encontra-se sobre as margens do estreito ou das ilhas, ou capannas aliadas sobre peringueira. Porá alguma dellas vimos não pequena bote de pescadores atravessou as aguas, dirigido por dois caboclinhos, que manejam com habilidade admiravel os remos de construção singular, semelhantes a uma pá ou colher largo e redonda. Ao passar junto do vapor levantam-se os olhos juvenis felizes e com os braços abertos saudam-nos, saltando gritos de alegria e admiração infantil, contraste agradável ao si-

-9-

lencid geral em redor de nós. O estreito de Bueres
 está bastante largo, só depois de uns 20 horas de
 viagem subimos d'elle para entrar no proprio Ama-
 zonas. Pouco a pouco afastam-se as margens e o
 olhar tranquillamente as perde de vista: navegou-
 mos no Amazonas, no rio-mar, cantando em
 innumerables hymnos pelos poetas do grande patria
 Brasileira.

Aqui o Chronista pede a licença de parar, lo-
 go que chegarmos ao alvo de nossa viagem, tra-
 taremos da continuação dessa chronica; ja em-
 quanto pedimos a todos os caros irmãos, que não
 se cansem em suas orações por nós, das
 quaes esperamos o alcance da graça divina
 para a obra sublime que a nós, servos feacos,
 foi confiada.

Saudos a todos cordalmente

o Chronista.

Chronica do Rio.
Fevereiro - Junho 1909

Desprezando o curso chronologico dos factos
hei de narrar em primeiro lugar um gran-
de acontecimento, memoravel para sempre nos
annos de nosso mosteiro e de nossa pre-
sida Congregação: a proclamação official
da erecção canonica de nosso Mosteiro em
Abbatia «Nullius» Foi escolhido para este
acto o dia da solemnidade de nosso Pai
São Bento de Marco. A missa solemne das
10 horas, celebrada por 3 de nossos padres missio-
narios, dignou-se assistir pontificalmente
S. Ex^{ma} Rev^{ma} o Sr. Nuncio Apostolico. Fin-
do o Evangelho leu o R. P. D. Boaventura Bar-
bier decretos que elevaram o Mosteiro a
Abbatia Nullius e a Igreja a Pro-cathedral
do territorio do Rio Branco. Feito o que o
Ex^{mo} e Rev^{mo} Sr. D. Archi-abade, em ves-
tes pontificaes, fez a profissão de fe e pres-
tou o juramento de fidelidade a S. M.
em presenca do Ex^{mo} Sr. Nuncio Aposto-
lico. Terminado este acto solemne subiu a
tribuna sagrada o Rev^{mo} Padre Nutuzzi
muito digno superior dos R. P. P. Jesuitas.
nesta capital, pronunciando por espaço de
vinte e uma horas o panegirico de nosso Bem-
aventurado S. São Bento e de seu Ordem. A

-2-

torenial facundia do illustre orador captivou todas as intelligencias e não houve coracão benedictina que não estremecesse de alegria e jubilo ao ouvir de tal modo e de tal bocca os louvores do grande Patriarcha dos monjes do Occidente e de seus filhos. A Egreja regozigava de gente de todas as commoendas bencicias. Entre os convidados destacaram-se os representantes do Ex^{mo} Sr. Cardeal Arcebispo do Rio, do Ministro do interior e outros. Honraram-nos com a presença pessoal S. Ex^{cia} o general Medeiros de camo ajudante do ordeno e muitos outros. Acabado a cerimonia religiosa, modesta refeição foi offerecida aos convidados no refeitório.

Este feliz dia terminou com uma sessão musical-litteraria, no qual ao 5 alumnos de nosso gymnasio foi conferido o grau de Bacharel em sciencias e lettras. O paranymphe foi o Sr. Dr. Nerval de Figueira e o orador da turma dos Bacharelados foi o mallogrado moço Leonor de Torrente, que ao muito custo podião completar o ultimo anno d'estudos, pois a phisica pulmonar lhe minar a esperancosa vida, de tal sorte que apenas 3 mezes sobrevivera a esse grande dia. Houve nesta pennião ainda varios discursos, entre os quaes se notoraram o do Ex^{mo} Sr. Nuncio Apostolico e de nosso Ex^{mo} Sr. D. Archialdo Bispo como remate dos actos deste bello dia.

Tomemos agora ao ordeno dos acontecimentos.

Como já indicamos na chronica passada foi o Rev^{mo} Sr. D. Alameda Comendador do mostei-

-2-^a

do de St. Cruz, Ceará, em substituição do Ex^{mo}
e Rev^{mo} Sr. D. Archibaldo, durante um anno
deixando grande lacuna nesta Communidade.

No tocante aos nossos estudos é suffici-
ente dizer que proseguimos as mesmas mate-
rias, que no anno findo, ajuntando-se foram
para os theologos o curso de Introduccão á S.
Escriptura e para os philosophos o de histo-
ria da philosophia, cursos que por falta de
professores não podiam ser dados até hoje. Foi
encarregado com o ensino da theologia moral
e do direito canonico o nosso R. P. D. Ide-
fonso, recém chegado de Roma, em substitui-
ção do R. P. D. Jochario, enquanto o de histo-
ria ecclesiastica passou para o Rev. J. Matthews.

Passando a fallar do gymnasio deve-
mos primeiro mencionar que o Rev^{mo} Sr. D.
Archibaldo viu-se obrigado a retirar da
direcção do gymnasio o R. P. D. Henrique,
por motivo de saúde (fraqueza geral e sobre-
excitação nervosa). Para proporcionar-lhe o
desconto indispensavel, foi mandado para
Tijuca, sendo-lhe confiada a custodia
material de nosso mosteirinho de São Gerar-
do. Como substituto do mesmo Padre no gym-
nasio collocou o Ex^{mo} Sr. D. Archibaldo o
nosso irmão Bernardo Stocker, nomeando-o Vi-
ce Rector. Entretanto chegou de Olinda o R. P.
D. Amaro van Emelen que assumiu logo o
cargo de Rector o que foi nomeado já no
mês antecedente conforme referimos ^{ultima} noticia.

nica. Considerando os transtornos que não a não fossem causaram a disciplina escolar os alunos ouvintes, bastante numerosos e o curso primário em de adaptação, resolveu o R. D. Rector de accordo com os Superiores acabar tanto como agrades como com este. Daqui resultou uma frequência consideravelmente diminuída do gynnasio, reduzindo-se o numero a 360 neste anno. Outra mudança que se introduziu em nosso gynnasio é que os alumnos trajam uniforme especial, como desde muito tempo é costume nos outros collegios, pois uma das clauses de admissão prescreve ter cada alumno 2 uniformes ordinarios e outro para os dias festivos e além disso não poderem os mesmos alumnos se apresentar nas aulas sem uniforme. Eis o que diz respeito ao gynnasio, para completar o assumpto a necessario ajuntar algumas palavras sobre a escola nocturna de São José, abriram-se as aulas no dia 4 de fevereiro. O numero de alumnos elevou-se este anno a 120, devido tão esperançoso resultado principalmente ao zelo infatigavel do R. D. Almeida, director do dito instituto.

Então a festa de São Brás, orago da V. Imanidade erecta em nossa Parochia Paroquia, num dia util, foi transferida para o domingo seguinte. Mas apesar disso houve em nossa Igreja no dia 3 uma frequência desusada. A Solemnidade do dia correu da seguinte modo:

4 do. Havia já algum tempo que o virtuoso Ex^{mo} Sr. Bispo de Pinarj hospedara-se em nosso mostei-
ro, o Rev^{mo} Sr. D. Archibaldo, prevendo a
impossibilidade de poder celebrar em hora tão
voluntada, convistou ao Ex^{mo} Sr. Bispo que
participasse na festa do glorioso martyro, con-
vite ao que V. Ex^{ia} annuiu. Começou a
Missa depois da solenne entrada na Cyre-
ja as 11 horas. Ao Evangelho occupou a tribuna
o Rev. Mons. Rangel que desenvolveu bellis-
simo panegyrico. A concurrencia do povo foi
extravaganza, não só de Missa mas duran-
te todo o dia e sobretudo ainda as horas
da tarde. Hora

em que foi pronunciado outro panegyrico por
nosso Rev. D. Vice-Trio. Apóz disso houve benção
do S. S. e solenne « Te Deum » terminando
assim a festa do glorioso Martyro São Braz.
Poucas dias depois sahio o Ex^{mo} Sr. Bispo, que
ao despedir-se agradeceu cordialmente o bom
recolhimento que lhe dispensamos.

No dia 21, estando toda a communitade re-
unida no capitulo, fez o Ex^{mo} Sr. D. Archi-
abade algumas nomeações, dando a direccão
dos Oblatos e Oblatas de São P. São Bento ao
R. D. Vice-Trio e ao R. D. Thejoso a da
liga da Comunhão frequente; ao R. D. Leão
conjiu o cargo de Zelador e ao Sr. Leonardo
de II sacristão. Distribuidos estes cargos, pro-
cedeu o nosso Ex^{mo} Sr. D. Archiabade a um
acto bello e tocante: a profissão de estabilidade.

5.

de feita por todos os monjes e irmãos leigos. Foi este mesmo acto que no coração de nosso querido Sr. D. Archibaldo causou grande consolação, e não menos a todos nós, vendo-nos unidos ainda mais estreitamente por estes novos laços, que constituiriam definitivamente a nossa família monástica: *Ece quam bonum et quam jucundum habitare fratres in unum!* Quinze dias depois, S. de Aparçõ, veio-nos de Campos o nosso querido e zeloso D. Amaro Desarmeara para emitir por sua vez os votos de estabilidade junto com o povo Sr. Vincente, cujo estado de saúde não lhe permitia fazer este acto com-nosco. Fallando de Sr. Vincente tenho que ajuntar, ter-se-lhe o mal de pulmões, de que se soffria, aggravado de tal sorte que o Ex^{ma} Sr. D. Archibaldo se viu constrangido, aconselhado pelo medico, a collocar-se em aposento a parte, para evitar o contagio. Conserva porém o nosso voluntarioso a funcção de organista e toma parte no recreio. Recomendamos o nosso querido doente ás orações de todos os coros irmãos em São Bento.

Continuemos a narrar os outros factos que occorreram no mes de Março. Um dos primeiros dignos de nota é a visita que fez o nosso Ex^{ma} Sr. D. Archibaldo ao Ex^{ma} Sr. Presidente da Republica. Trouxe-se nestão conferencia especialmente do Rio-Branco, expondo o Ex^{ma} Sr. D. Archibaldo seus mistos ao Ex^{ma} Chefe de Nação sobre a catheches e co.

6

honrificação daquellea região, e que sua Ex^{ma} muito apreciou. Foi a ultima entrevista com o Ex^{mo} Sr. Presidente, pois como já sabemos, falleceu o destituido Honren^{do} de Paula já aos 14 de Junho seguinte. Em 19 de Março celebramos com a devida pompa a solemnidade de São José. Os alumnos da Escola nocturna, como era de esperar, festejaram entusiasticamente seu fallecimento com uma sessão organizada com zelo pelo incançavel director da Escola e presidida por nosso Ex^{mo} Sr. D. Archibbade, onde mostraram sua habilidade em representar pequenos dramas, dialogos, recitos de poesias e até breves discursos.

Aos 25 de Março, festa da Annunciação, presenciamos a Profissão perpetua de nosso querido Sr. Luiz Gaspar, o habil pintor da capella Fúncion, que fizera nos muros do Ex^{mo} Sr. D. Archibbade Bispo.

Senão nosso Mosteiro desde pouco tempo Abadia Nullius e a Igreja Pro-cathedral do territorio do Rio Branco, era necessario instituir o cabido diocesano, e este, conforme o privilegio obtido pelo St. Si, devia ser constituido pelos monjes deste Archibbadiu. Eis como se realizou este acto. No dia 4. de Abril, pelo tarde, depois de breve allocução do Ex^{mo} Sr. D. Archibbade Bispo, fez o R. D. Vice-Priso em nome de todos os membros do Communidade a profissão de fé e depois disso cada um em particular prestou o juramento de fidelidade a cadeira de São Pedro. Desde então todos os monjes professos

7.

professos solemnnes. Esta Archiabbacia são de facto
 e negos da cathedral do Rio-Branco. E pouco inam-
 quara o novo ministerio foi aberto logo no dia se-
 quinte a primeira pessoa do lubido diocesano.

Na V. feira santa, 8 de abril, realizou-se em
 nossa Igreja archiabbacial pela 1ª vez a bella ce-
 remonia da benção dos santos oleos destinados
 as Missões do Rio-Branco. Executou-a o Sr.
 e Rev. Sr. Bispo de Phocia segundo as pre-
 scripções do Ritual e com a assistencia dos mon-
 jes. Pela tarde houve o Lava-jés, ministrando je-
 lo mesmo a 12 orphãõzinhas do St. Cosma.

Depois das ceremonias da Semana santa e esgota-
 do pelo calor do estio e os negocios foi durante a
 função da Sexta feira santa que nosso Sr.
 Sr. D. Archiabbate se viu obrigado a retirar-se
 Abaixo estou-se umou crise cardiaca, ponho a pi-
 da em perigo. Durante 10 dias estava de cama
 tratado com extremo cuidado pelo medico da
 casa e pelo Dr. Mignuel Costa, os quaes nos pri-
 meiros dias receiavam um desenlace fatal. Ces-
 sando o perigo immediato foi removido em auto-
 mobil para Cujica; alli, pelo descanço absoluto,
 pelo remedios e o ar salubre das montanhas, foi
 recuperando pouco a pouco constante sanite, podendo
 poder voltar sig. vezes ao Aposteio e continuar a
 ocupar-se da gerencia da administração, na tem-
 poral e espiritual da casa. Preparou-se, desde
 então, o conselho dos medicos, a embarca-
 ra a Europa, a fim de chegar a equilibrio e me-
 nos esgotado, e curar a principal das doenças car-

-8-

discussões, que de tempo em tempo se manifestavam.
Celebramos jubileus como todas as solemnidades possíveis
de Paschoa da Ressurreiçõ; foi misteriosa a presença de
quase de todos com um gatto de amarelo, provincia
do estado grande de sanção de nosso querido ^{Fr. Archibaldo}
de Bispo.

Entretanto aproximava-se o dia em que nossos que-
ridos irmãos, os Abissinianos do Rio Branco, deviam
dixar a tranquillidade do Claustro e começar um
novo modo de sacrificiõ e abnegaçõ, levando a
flor da fé catholica aos infelizes selvicos da
Amazonia, sentados desde seculos nos trevos do
jorgannismo e na sombra da morte. Foi no II. Domini-
go depois da Pascoa, afig a Abissa poleme, a que
assistiu pontificalmente o Ex^{ma} e Rev^{ma} Sr. Nuncio
Apostolico, que se fez a entrega do C. de Abissia, do
C. de It. Regrao no Rev^o Vigario Geral e
Superior da Comunidade do Rio Branco D. Acacio De-
mynck, que estava precedido pelos Abissia-
narios e pelos irmãos leigos. O Ex^{ma} Sr. D. Archibaldo,
que quiz, apesar do seu fraco sanção, presen-
ciar esta cerimonia, leu entã uma breve allocuçã
a seus queridos filhos, mandando-os, qual outro S.
Gregorio, para terras longinquas annunciarem a
nova do Senhor. Dois dias depois, 27 de abril, tocou
a hora de partir. Foi dura a separaçõ pois to-
dos os Abissinianos, pelas grandes virtudes que pra-
ticaram, gozaram da plena affeiçõ de todos os
membros da Comunidade, e aliã os serviços pre-
stados sãõ innumerados. Na verdade, sem fallar do
muito que fizeram, com especialidade o R. D. Vi.

9. Ochario, Vigário geral, em quanto lente de Theolo-
 gia moral e direito canonico, basta mencionar o eno-
 me trabalho que teve a nosso bond. irmão Garjof
 Elsenbusch, pintando a capellinhão de S. Gerardo na
 Tijuca. Deus os recompensar por tudo isso. Quan-
 do pelo tarde a paquete Brasil com nossos
 Missionarios deixaro a Bahia de Guarabiarou,
 Louren-ches e Ex^{mo} Sr. D. Archib. Casle suocul-
 timo benção - Iter para tutum - Alguns outros
 pontos das parochias e mesmo fizera o Ex^{mo} Sr.
 Cardeal Arcebispo de Rio de Janeiro por occasião de uma
 que fez sua Ex^{cia} ao Ex^{mo} Sr. Nuncio Aposto-
 lico em nossa casa. O programma dos missio-
 narios em evangelisar não sera de percorrer as flo-
 restas, mas se fara uma fundação nova e de-
 finitiva conforme a tradição benedictina e a decisão
 do synodo ultimo celebrado pelos chefes das Con-
 gregações de nossa Ordem em Roma. -

re. ita

Não posso passar em silencio uma insigne obra
 de caridade, que prestarão piedosas Senhoras
 as nossas Missões, pois deram em doativo
 muitos ornamentos, entreos quaes casulos, pluvias,
 alvas etc. etc. Em signal de gratidão offeren-
 tes a R. Vigario geral do Rio Coracon D. Acario
 um quadro a cores, executado com muita arte
 por um dos Missionarios, o R. D. Adalberto Koj-
 mehl.

No meiado do mez de Junho tivemos nossa re-
 tiva annual, que nos foi abito esta vez pelo Rev^{mo}
 D. Miguel Cruz, Abade de S. Paulo, convidado
 para este fim pelo Ex^{mo} Sr. D. Archib. Casle.

18.

Houve cada dia 3 instruções, sendo a primeira sempre dada depois das Missas conventuais e qual durante todo o Retiro fora cantada, assim como também as vesperas com exposição do S. S. mo. Terminaram os exercicios por uma frequenta allocu-
ção do Ex. mo. Sr. D. Archimboldo, que manifestou seu grande pesar por não ter podido assistir ás in-
struções, visto que não lhe fôr permittido seu estado de
poude, e agradeceu ao Rev. mo. Sr. D. Abade de São
Paulo a fineza de ter correspondido de tão hongra-
do a seu convite e dando tão bellas conferencias, espe-
rando que este santo Retiro produza frutos abun-
dantes de salvação. Cheios de paz e alegria renovae-
mos durante a Missa solemne nossos pontos votos.
Ao Rev. mo. Sr. D. Abade Miguel tambem neste lu-
gar seja pago o tributo de reconhecimento e de
mossa gratidão por suas bellas e salutíferas confe-
rencias.

A todos os caros irmãos em São Bento saudou o
Chronista.

Abbadia Nellius de São Bento do Rio de Janeiro

Chronica do Rio Branco.

II

Representamos aos nossos caros Irmãos a continuação da nossa chronica. Tem ella um tanto retardada em consequencia dos trabalhos da installação em Boa-Vista e de outros affazeres pelo que pedimos venia

Recomeçemos agora nossa narração no ponto em que paramos na ultima chronica. No periodo em que navegamos no Amazonas - no mez de maio - elle vem como seus affluentes estão cheios. O enchente actual é tão extraordinaria como apparece apenas de dez em dez annos. Também grande numero de ilhas e as margens do rio são inundadas, em muitos lugares até ás coroas das arvores. As vezes encontramos campinas com gado submergido n'agua até as cabeças dos animaes, muitas cabanas viam-se abandonadas pelos moradores. No vasto leito do rio são espalhadas innumerias ilhas; o nosso navio procura as proximidades dellas ou das margens onde a correnteza é menos forte que no meio. Acontece que o leito do Amazonas é numa certa extensão livre de ilhas, então

2.

o rio de novo ostenta sua grandezza tranquilla, mostrando toda sua largura, occupando quasi completamente o plano de vistas limitado somente no² horizonte por uma linha tenue das aguas turvas de cor amarella que provem de materias minerales em dissolucao e que lhes daõ uma prodigiosa fecundidade. Vimos muitas aves aquaticas ou que fazem companhia papagaios, araras, aves rapinas e mi-mosos beija-flor. Os animaes superiores são representados por umas especies de quadrumanos, a mór parte de nariz chato e de cauda comprida que lhes serve de apprehensor. Vida exuberante tanto nas aguas como nas margens e ilhas, vegetação soberba, variadissima, tal e a caracteristica da Amazonia. Não raras vezes vem nadando um ou ilhav fluctuante formada de gramineas, raizes de arvores entrelaçados num tecido forte, tenaz; se o navio passar perto duma tal ilha, segue esta elasticamente ás ondulações das aguas provocadas pela he-llice do vapor: um aspecto bem interessante. Reina silencio absoluto neste scenario esplendido interrompido apenas pelo grito abrupto d'um ou ave rapina ou pela voz estrondosa do trovão, que quasi todos os dias pela tarde entra seu grande responsorio. De facto, quando o sol está no zenith derramando raios de luz e intenso calor enquanto a viração para, apparecem de repente nuvens cinzentas, espessas que vão-se accumulando a ponto de escure-

-3-

cerem tudo até descerem em uma trovoadas terrível seguida de chuvas torrenciais. Logo depois o céu fica de novo claro, branda viração refresca a atmosfera, e de uma e outra margem do rio estende-se um magnífico arco-íris. Ao este espetáculo segue-se de perto outro não menos encantador: o pôr do sol que se faz nestas regiões quasi todo o anno pelas 6 horas da tarde acompanhada de rajada obscuridade. Tal copiosidade de bellezas nos phenomenos naturaes difficilmente se encontrará em outra parte do mundo.

Hoje, 15 de maio, mais ou menos ás 3 horas da tarde aproximamo-nos a Santarém. Ao lado das aguas turvas, amarellas do Amazonas apparece de uma vez uma agua escuras verde: são as aguas do rio Tapajóz que vem do meio dia e desemboca aqui. O vapor parou em Santarém umas duas horas e temos a consolidação de receber a bordo a visita do R. P. frei Cleto O. F. M. que toma conta da freguesia de Santarém. Os seus irmãos de habito dedicam-se á catechese dos indios tujés Apurés e Mundurucús, tribus bastante numerosas nas margens do Tapajóz. Ás 5 horas continuamos a viagem passando diante da desembocadura deste mesmo rio e pouco depois estamos de novo nas ^{ondas} aguas amarellas do Rio-Amazon.

Na noite do mesmo dia passamos a foz do rio de Obidos, onde o vapor parou e entregou alguma carga. No domingo, 16 de maio.

-4-

as 2 horas tocamos Parintins, pequena villa com igreja gothica situada sobre as devotas margens do rio. Depois duma hora de demora o vapor continua a viagem. Já estava em movimento quando na praia appareceu um homem com um grande papel nas mãos gritando, gesticulando. Era o pharmaceutico do lugar que tinha que esperar umas coisas com artigos de sua profissão; tinham esquecido entregar-lou; mas agora já não ha outro jeito senão esperar a volta do vapor. Sobre pharmaceutico. No entretanto subimos rio acima. As 8 horas da noite estavamos, como de costume assentados no popa do vapor conversando. De repente percebem-se choques acompanhados d'um ruido sibilante; a marcha do navio torna-se mais lenta, e pouco depois para.ouve-se então grande barulho seguido de calma completa e lá estamos immovéis no meio do rio. Enorme agitação entre os passageiros; logo communicam-nos que o manivel da machina quebrara e não restava outro remedio senão esperar outro qualque vapor que primeiro nos encontrasse e rebocasse o nosso. Abus tarde forem reconheceram a possibilidade de concertar o damno, mas que isso duraria até a noite seguinte. Pois bem, pacienciou; outro vapor de facto não se avistou, e assim temos que passar uma noite e um dia no Amazonas. Ao amanhecer ^{o dia 17.} vimos-nos em frente de uma ilha coberta de floresta.

-5-

De lá ouvimos os gritos de uma companhia de quadrumanos; disseram-nos « Bom dia » e parece que também nos convidaram a dar-lhes uma visita no seu palácio verde, mas infelizmente nenhum bote esteve prestes que nos conduzisse à ilha; por isso lançamos um olhar admirado nos segredos maravilhosos que a floresta virgem encerra no seu seio. A conversa dos macacos não durou muito tempo e os officiaes e passageiros conhecedores destas regiões explicaram-nos este facto dizendo que os macacos celebram suas sessões parlamentares só de manhã observando pelo resto do dia rigoroso silencio. A demora forçada no meio do rio prolonga-se; pois hoje, 18 de maio, descobrimos que não somente o manivel está quebrado, mas que ainda o eixo da helice tem um rachaduro. Pela manhã ás 8 horas passou um vapor inglez no ribeiro; o nosso chamou a attenção delle sobre a sua situação critica soltando gritos lamentaveis pelo apito. O inglez porém vai seu caminho, udiante - Time is money - Desde manhã nossos machinistas trabalham, custe que custar, no concerto dos damnos. Pobres homens, tem um trabalho insano supportando um calor de 40^o. A final, a 1 hora, as reparações estão acabadas; fizem se algumas tentativas de proseguir a marcha e aos poucos, o vapor anda como antes. Ao anoitecer tocamos Itacootiora, e após pequena demora, seguimos

-6-

adiante. Hoje aos 19 de maio observamos uma notavel mudanca no aspecto das margens. Do lado esquerdo (lado Norte) se tornam altas, com um declive brusco para o rio; são rochas vermelhas formadas de argilla e gres. Chamam-se estes terrenos que ficam fora das alcances das inundações periodicas « terra firme ». Também a vegetação muda, assim como a cor d'agua que passa do vermelho para a cor de chocolate e para verdeado, signal da proximidade do Rio Negro. De facto, após 8 horas de viagem vimos um vasto mar: é o Rio Negro que vindo do noroeste lançou com estrondo suas aguas sobre as do Amazonas que, cedendo a esta impetuosidade, fez uma grande curva para o Sul. As aguas do Rio Negro são pretas (como o nome indica) mais claras. Mesmo num copo conserva esta cor de fundo, e não se perde ainda que filtrada ou javida repetidas vezes. Os sabios até hoje não souberam explicar as causas deste phenomeno. Finalmente pelas 3 horas e meia entramos no porto de Manaus, capital do Estado do Amazonas e alho proximo de nossa viagem. Da cidade são o bimbaleo dos sinos de uma igreja. O céu está claro e sereno. Estamos em frente dos bellos edificios duma cidade muito adiantada, quasi enjoea sobre os quios elevam festivamente as palmeiras reas suas elegantes coroas. No porto ha muito movimento. O vapor aproxima-se e

4
atraca ás docas fluctuantes, amou das parti-
cularidades de que Mounios se usou. Fou-
co depois ninos chegar a commissão desti-
nada a receber-nos. Era composta do Rev.
Snr. Conego Coutinho, o Rev. P. Superior dos ca-
puchinhos, frei Alfredo e mais um padre se-
cular. Foram-nos apresentados a bordo vin-
da o prezado Sr. Commendador Abrayá Ro-
sas de Mounios, o Sr. Bento Prayil de
Boa Vista no Rio Branco, deputado estadual
e chefe politico daquelle região. Seguimos de-
pois com todos estes Senhores para o ca-
thedral, ahi, feita uma adorocão ao Som-
tissimo, reuniram-se todos no consistorio. O
Rev. P. Sr. Conego Coutinho dirigiu então uma
doutrinação aos recém-chegados, e declarou
em seguida a significancia doquelle acto.
que se ia realisar. Depois leu o R. P. frei
Alfredo, Superior dos Capuchinhos um aviso em
italiano) do Sr. Nuncio Apostolico, dirigido
ao dignissimo Sr. Bispo de Mounios a re-
speito da entrega do territorio Rio-Blan-
quense a jurisdicção do nosso Rev. Sr. D.
Archeobispo, Prelado do Rio Branco.
Em seguida fez-se a leitura do decreto con-
sistorial «Brasiliense Republicane» que con-
tem a constituição do novo prelazio. Fin-
do isso, entregou o Sr. Conego Coutinho com
palavras animadoras e cordaes os livros e
outros documentos concernentes ás frequencias
e dependencias do nosso novo diocese do

-8-

Rio Branco. Responderam a nós o D. Superior, Vigário
geral, agradecendo affectuosamente e assig-
nando o protocolo, terminou-se a sessão. Leva-
ram-nos dealli em dois carros ao palacio epis-
copal. Lá em o Sr. Bispo Do Frederico da Cos-
ta recebeu-nos com esmerada bondade e ca-
rinho. Reuniram-se todos no capello do pa-
lacio para rezar um Te Deum em accão de
gracias; depois fomos conduzidos no salão
do Sr. Bispo; offerecer-se um copo de cerve-
ja e o digno Sr. Bispo levantou um brin-
de a prosperidade dos filhos de São Bento e
da missão do Rio Branco. O nosso R. P. Su-
perior, vigário geral, agradeceu em nosso no-
me por tammaes provas de amizade. Fomos
em seguida agasalhados no palacio episcopal,
pois era de prever, que só depois de 10 dias
poderiamos continuar a viagem. O Sr. Bispo
com paternal carinho exercia a sua genero-
sa hospitalidade para com nós, pelo que
não sabemos como agradecer-lhe. No dia se-
quente do nosso chegarem, na festa da As-
censão, o R. P. Sr. Manoel Coutinho veio fa-
zer uma visita a cada um de nossos In-
dios. Entre as demais visitas mereceu especi-
al menção a do Sr. Inspector da Alfandega,
distinto e generoso catholico, e a do
Sr. He, naturalista allemão, e para prin-
cipalmente a flora das plagas do Rio Brun-
co. Fey-nos este subido optimo impressão.
Elle ja tem feito muitas viagens nessas re-

-9-

gião até as montanhas septentrionaes, sem com-
panheiro algum, os indios, visse-nos, e estava
muito allez; malocas inteiras já foram visi-
tad.-o e deram-lhe presentes. Agorão nos pres-
tou bons serviços com informações exactas. No
dia 22 de Maio assistimos á recepção do
ministro do Chile que fez uma visita offi-
cial ao Sr. Bispo. O illustre diplomata che-
gou num carro escortado dum guarda de
honra de militares e foi recebido no portão
do palacio pelo Sr. Bispo diocesano.
rodeado do clero secular e regular. O Sr.
ministro saudou primeiro ao Ex.^{mo} Sr. Bis-
po e depois aos sacerdotes presentes, dando
a cada um a mão. O mesmo fizeram o
secretario e os adjuntos. Remittam-se to-
dos ao palacio do Sr. Bispo, onde se trocaram
os mais bellos e cordaes brindes; após uma
visita do palacio e capella episcopaes despe-
diram-se affectuosamente, observando as me-
smas ceremonias como antes. Foi nos concedi-
do nesta occasião lançar um olhar rapido
naquelle mundo tão alheio a nós - o mundo
diplomatico, mas não invocamos nos honras pu-
blicas as considerações de que gozamos.
No domingo, 23 de Maio fomos convidados pelo
R. P. frei Alfreto, superior dos capuchinhos, pa-
ra um almoço; passamos tambem aqui umas
horas felizes na conversação com este filosofo
de São Francisco. O que mais fomos agra-

dava de tudo era nossa vida na companhia do Ex^{mo} e Rev^{mo} Bispo, a qual era a mais amena, singela possível, como numa casa de família; e por isso que levamos as mais gratas e felizes reminiscências da nossa estadia no palácio episcopal. O Ex^{mo} e Rev^{mo} captivou-nos as corações de nos todos, e jamais esqueceremos como era tão bom e caridoso para conosco. Os dias em que estivemos em Alencar foram também dias de trabalho severo e muitos cuidados, principalmente para os R. R. S. S. D. Boaventura e D. Pedro. Elles tinham que preparar o transporte das bagagens e fazer compras de víveres e outros objectos. Os nossos dois bons companheiros dedicaram-se ao cumprimento destas tarefas com todo o zelo e abnegação, que a situação exigia. A questão da isenção dos directos applicados em Alencar de porte que resolvemos, não mais esperar, mas tirar da alfandega os volumes vinados da Belgica, pagando os directos. Era portanto preciso abrir as 37 caixas totais e fazer uma ennumeracao detalhada do conteúdo dellas. O R. D. Pedro tinha o cuidado de assistir a este procedimento, servindo-se do auxilio do bom irmão Apelchior. Os empregados da alfandega mostravam-se favoravelmente dispostos e o esta parte do negocio chegou a ter um desenlace relativamente satisfactorio. Nas difficuldades, porém, perseguiram-nos até os ultimos momentos. O embargo devia haver lugar

na vesperal de Pentecostes, pelo tarde. Ora, em consequencia d'um deslizo da tripulacao da lancha e outras circunstancias, todo o nos-
so cargo (de uns 100 volumes) bem como o pagamento, vinha não estava embarcada, quan-
do já tocava 8 horas da noite, e em cima d'isso, os armazens, em que estavam deposita-
dos os nossos livros, estavam todos fechados. Neste embarco achamos um bom amigo em
o Sr. Abney Rosas. Elle entendeu-se com o
inspector da alfandega, a fim de obter, que
se abrissem os armazens no dia seguinte
em que outra lancha devia levar o cargo,
no passo que o pagamento seguiria como-
co. Foi um trabalho enorme encaminhar as
causas de sorte que finalmente ás 10 horas da
noite, estavamos prontos a embarcar. Fomos
minha vez ao palacio episcopal para
implorar a proteccao de Deus, e em seguida
fomos ao lugar do embarque acompanhado
do Ex^{mo} e Rev^{mo} Sr. Bispo em pessoa e de
outros Padres e Senhores. A despedida foi cor-
dial. O digno Sr. Bispo deu-nos a benção,
trocamos os ultimos abraços e adeuses e com
votos reciprocos para o futuro tomamos a bar-
ca. Nossa companhia e formada das duas lan-
chas Apacnaei e Juricala e as estas eram atra-
cadas diversas barcas e botelões e canoas des-
tinadas a levar os cargos; o botelão em que
achamos abrigo tinha um tecto de palha e
estava cheio de canoas, sacas, pipas e

outros favores; a quem podiam-se ir um pé junto do outro; mas finalmente cada um achou um continho para sua installação. Tanto do nosso botelão vimos mais outro do mesmo tamanho que levava umoa família cabocla, um carro, dois cavallos e outros animais; mais longe havia uma casa com um velho indio com sua mulher, e mais adiante vinham outras montarias com semelhante conteúdo; era o tudo umoa bello republica novolante, uma verdadeira circos de Noé. Tivemos muito prazer, vendo que o Sr. Ule do qual o amosyallamo, fazia parte doo nosso companhia de viagem, bem como o Sr. Marcos Brito filho que conhecemos desde Tereos. Tanto antes do meio-noite chegou o dono ^{de um grupo} das montarias, o Sr. Bento Brasil com familia e logo seguimos rio acima. Era meio-noite. O luar lançava sua luz argentea sobre as aguas tranquillar e escuras do Rio Negro, solemnizando nossa saída. Deixamos ainda algum tempo livre accessos as impressões desta jornada singular e olivindo uma prece instante e humilde ao divino Espirito Santo, sob cujo auspicio emprehendemos esta ultima parte de nosso viagem, deitamo-nos cada um o melhor que podiam sobre as fijas e saccos para descansar. Festejamos o bello dia de Pentecoste em uniao Espiritual com nossos irmãos que hoje comtadão a pompa celebrando o dia natalicio doo Santa Egreja. Nocejoando por entre um labj=

-13-

sintho de ilhas, chegamos pelas 5 horas da tarde até Conceição, sítio pertencente ao Sr. Bento Brasil. Aqui alugamos-nos num outro batelão maior que tinham alpendre, toldado de flandres, e acomodações para armaz. redes. Tornaram-se agora as condições mais agradáveis. Ficamos aqui, em Conceição, todo o dia seguinte. Veio então de Marnóirs toda a nossa carga e foi embarcada nos batelões. Mais tarde descemos à terra e tomamos banho num igarapé esplendido à beira do matto virgem. Amovemos na III feira de Pentecoste ainda em Conceição e pelo meio dia mais ou menos continuamos a viagem. Tínhamos agora no novo batelão uma mesa para as refeições e talheres. O cozinheiro, um preto, exercia sua arte magistralmente na foga do batelão. Quando um dos passageiros acertou com o rifle numa leguana ou num pato bravo, os quatro do feyaram uma tartaruga, elle com muito gosto preparava essas presas para a mesa. Na II feira, os mulamboas nos deram avisos annunciando a proximidade do Rio Branco. De facto, ás 10 horas da manhã, entramos neste rio, cujo leito, embora mais estreito na embocadura, tem comtudo mais 1000 metros de largura ou mais. Sobre ambos os lados do rio estendem-se bellas mattas virgens até as cachoeiras. Na V feira fomos desportados mais cedo, pelas 2 horas de madrugada a lancha precisava de lenha e a carga foi na foga.

-14-

ção de St^a Maria. As dez horas do mesmo dia
avistaram-se alguns bois nos beiros do rio, os
quaes cahiram de cima duma barragem de ~~Caracarahy~~
2 m. de altura e ficaram presos aqui, pois
não tinham caminho para o arriçal. O dono
da lancha embarcou os no batelão, e quando
os parou cima por meio de cordões atados aos chi-
ques dos animais, eram uns 8. Quando passou-
mos a propriedade do fazendeiro, a quem pertem-
ceram, foram entregues ao mesmo, ficando, porém,
um, como premio não fosse do Sr. Bento Bra-
zil que os salvou. Na II feira fomos jun-
to da povoação Caracarahy, a lancha desembar-
cou sob. Aqui caçaram um magnifico le-
gionario de 120 cm de comprimento, cuja car-
ne foi no dia seguinte muito apreciada.
Daqui em diante a viagem não foi intercom-
pida até Caracarahy, onde chegamos Subba-
do pela tarde. Em todas estas estações do Rio
Branco inferior, a praga dos mosquitos já em,
borrachudos e maris é bem sensível, e sobe
ao ar em Caracarahy. Felizmente a demor-
na não é muito. Em cima de Caracarahy
ha numerosas cachoeiras, que tornam a pas-
sagem difficil e perigosa. Em consequencia
da cheia do rio podiamos passar pelo cha-
mado juro de Cajubim, que si esta época é
novegrad, evitamos assim as temíveis ca-
choeiras. Foi preciso, porém, separar as lanchas.
Nosso batelão tinha que ficar aqui. Entre pa-
rentese seja dito, que esse mesmo batelão foi

a fogueira, mais tarde, com 150 bois, perto de Enciçau. Tivemos aqui a alhar-nos de novo no hotelão de cargo como no começo da viagem. As 10 horas navegamos mediante, mas mal chegado no furo, foram as embarcações algumas horas por causa de algum nevoeiro. Passamos o Domingo de São S. Trindade em cima das sacas e caixas, e durante a noite aproximando-nos da Terra-grande; e na última noite antes do entrado no rio Jomettol. O comboio lutava com a forte correnteza do rio para chegar quanto antes a Boa Vista. De uma hora da manhã seguinte sou o capitão, anunciando a proximidade do porto almejado. Foi o dia 4 de Junho. Demos graças a Deus pela feliz viagem. Cerca de 2 horas appareceu o bom e virtuoso P. Padre Furtado até agora vigário da freguesia de Boa Vista e unico sacerdote na vasta região do Rio Branco; elle nos parou e deu-nos as informações necessarias. Não foi possível desembarcar na nossa entrada em Boa Vista por causa da hora ser imprópria. Dirijimo-nos depois á capella que ficou proxima assim de celebrar os santos missas. Esta capella achamos muito pobre e dejectuosa, porém, bastante espacosa e susceptivel de concertos. O unico altar, sem tabernaculo, é bem primitivo e exige transformação completa ou antes uma substituição por um outro, novo; ha um baptisterio, mas falta confessional, banco de communhão e até o sacristia.

Depois das santas missas fomos providenciar o
 desembarque da bagagem e da roupa que o
 Sr. Bento Brasil mandou levar ao seu arma-
 zem. O curso que deveríamos habitar ainda esta-
 vos ocupados, mas os moradores della, o Sr. coro-
 nel Pinto, declarou-se prompto a pô-la á nos-
 sa disposição, e mudou-se logo no dia se-
 guinte, ou jasso que nos passamos aquella noi-
 te no sumo pertencente á casa. Impossivel
 foi, achamos bracos, para effectuar o transpor-
 te da nossa carga; deveríamos portanto levar-a
 nos mesmos, e com essa occupação passamos
 aquella II feira. No dia seguinte uns bons sen-
 hores que tinham feno em nos assim aban-
 donados, ofereceram os seus trabalhadores gratis
 á nossa disposição; e deste modo ficou yma-
 bunda nossa carga pelo fim da semana. O
 festo do Corpo de Deus que cahiu nestas sem-
 nanas laboriosas celebramos com missa cantada,
 sendo a capella ornada com palmeiras, assim
 como as circumstancias melhoz e permittiram.
 No Domingo depois estabelecemos uma prolem
 de dia para podermos ter o viduo monastica
 voluptuosa á actividade apostolica. A enu-
 meração mais detalhada dos factos e aconte-
 cimentos reservamos para o proximo chronica,
 a presente queremos concluir com uma descrip-
 ção sumaria de nossa vidua e situação. O
 curso que habitamos está situada perto do
 beiro do rio e é propriedade do Sr. commen-
 dador Aronja Rosas, de Memães, que a pôz

-11-

gratuitamente à nossa disposição durante o prazo de 6 meses; contém elle umha loja que serve actualmente para deposito e armatorio dos irmãos leigos, umha casa de morador com 6 divisões, mais umha cozinha. Dois quartos espaçosos foram divididos, de modo que cada um tem cella propria; o refeitório foi também em 6 vezes de umha sala para todos os officios communs. Abaixo da casa ha uma horta de que temos o usufructo durante o mesmo tempo. Nossa actividade consiste presentemente em preparar o solo sobre que possam florecer mais tarde umha vidua christã. Em primeiro lugar começamos a soccorrer as necessidades espirituaes da população branca. Houz cursos de catechismo, um para meninos, outro para meninas, cada um frequentado por 16 ~~alunos~~ ^{alunas} nos. Nos domingos e festas ha missas cantadas com practica; de tarde terço, ladainhas e outra vez practica. O povo mostra boas disposições. Monito ajudam para isso as habilidades medicas dos R. R. F. E. D. Boaventura e D. Pedro. O primeiro, genio universal, indreito como o mesmo tipo feminas quebradas e machinas de costurar, em quanto o segundo, com equal similes, curou alguns casos de febres. Temos em em casa 2 meninos indigenas, nãpãrnas, que mostram boa indole; elles ajudam um tanto aos irmãos convertidos nos trabalhos domesticos e recebem instrucção nos materias elementares e no catechismo. Os paes delles vêm

44.

de vez em quando de sua maloca visitados. O plano da catechese dos indios está tambem nos seus comecos, embora modestos. Já está espalhada em todas as malocas a noticia da vinda dos Padres. Os indios aqui pertencem aos 2 tribus dos Muckuchis e dos Uaupisianos; no norte da confluencia dos rios Uaupis e Tucuti habitam a tribo dos Guarianas; todos estes indios são mansos e de bom trato; muitos são baptizados e recebem a instrução religiosa de hum modo, logo que vier a noyante, vamos a cavallo visitar as malocas e encetar as relações amigáveis. O plano do oeste estende-se um vasto territorio habitado em parte, como dizem, por indios gregos; esta região ficou ainda para explorar. Estamos tambem tratando da escolha e aquisição dum terreno apto para a fundação. Para o oeste sim D. Boaventura, em companhia do R. P. Furtado, estão actualmente nas terras situadas no Uaupis e nos paragens circunvizinhas. Quanto ás nossas saudades, estamos felizmente todos bons; apenas fomos por umas ligeiras alterações no nosso bem-estar em consequencia das grandes humidade que combaram as frequentes chuvas e o enchente do rio; mas em geral o clima é muito salubre. No principio de Agosto, o enchente indicou uma proximidade de geladas. Diz o povo que o inverno costumava ser gelado e com fortes e frequentes trovoadas. De junho da-

-19-

ante os mezes de Agosto e Setembro e nos ultimos dias houve muitas. O povo está frequen-
tando bem os officios nos capellos; muitos sen-
hores pediram expressamente ao cartor postal
real do Brasil e ao Sr. D. Archi-
ubaldo Bispo, que é aguardado com mu-
tos sympathias. O capello que tem por padro-
eiro N. Senhor do Carmo possui, como patri-
monio, uma fazenda a leste daqui, cuja
administração está nas mãos do Sr. Ben-
to Brasil, a qual será entregue a nos quan-
do o mesmo Sr. voltar de Abaixo, onde
se dirigira, ha um mez, como deputado,
ao congresso estadual. Pelo tudo que vimos
ate' agora, fomos animados a esperar um
futuro abençoado pelo providencioso divino.
Difficuldades não faltarão, nem elementos
de contradicções, mas nosso unio nos fará
fortes e vencedores de todos os obstaculos. Chei-
os de esperanças desejamos audentemente o
vindo de novos companheiros. Lá em de, sua
parte de sair por as plagas longinquoas do Rio
Branco, traya consigo uma boa forca de
promptos para quaesquer privações e in-
commodos, e será bem vindo em nosso gre-
mio. A todos os nossos caros irmãos em São
Bento rogamos encarecidamente, de quier-
de fielmente o laço de amizade fraternal
para conosco e de não nos deixar sem
noticias, pedimos igualmente, ajudar-nos com
suas boas forcas em prol de nossa

- 20 -

santa missão. Daqui a 2 mezes esperamos
mandar mais noticias. Até' ahí saudos cor-
dialmente a todos nossos irmãos em São
Bento.

O Chronista.

Archidiocesi Nullius de N^o S^o do Monte
do Rio de Janeiro.

Relatório da perseguição dos Missionários
&
Chronica do Rio Branco.

Novembro de 1909 até abril de 1910.

Nas últimas chronicas do Rio promettem o chronista aos caros irmãos narrar lhes os tristes e dolorosos factos que se descompolaram durante os últimos tempos nos flôjos longanquias do Rio Branco, onde nossos missionários são perseguidos e cruelmente tratados pelos inimigos de Christo e de sua santa Religião. As primeiras hostilidades effectivas começaram-se já nos mezes de novembro e dezembro do anno p. p., cujo conhecimento, porém, nos chegou somente em começo de março do anno corrente. Antes, porém, de narrar os factos, cumpre, para melhor intelligencia das occurrencias, dar algumas noticias preliminares sobre o estado de cousas no Rio Branco, o que faremos o mais resumidamente possível. Os nossos missionários, desde Junho de 1909 estabelecidos em Boa Vista do Rio Branco, viveram nos primeiros tempos, como os caros irmãos sabem pelas chronicas anteriores, em optimas relações com as autoridades politicas e civis daquella região, e nada parecia perturbar a paz, a sombra da qual a missão começava a lançar raizes. Não durou,

-2-

porém, muito, sem que se levantassem dificuldades, e isto por duas razões: A primeira e principal, como se, consistiu na eterna miséria deste mundo - no dinheiro; a outra foi semovida paixão de ambições políticas. A Prelazia do Rio Branco, em virtude do desmembramento da diocese do Roraima, tornou-se proprietária de uma fazenda de gado - patrimônio da família de N.º S.º em Boa Vista. Esta propriedade foi administrada até então como procurador pelo Sr. Coronel Bento Brasil, chefe político do região e deputado estadual, personalidade, que nossos caros irmãos em São Bento também conhecem pelas crônicas passadas. A administração desta fazenda passou ao vigor geral da Prelazia, quando no dia 19 de Maio de 1909 lhe foi entregue o governo da dita Prelazia pela autoridade diocesana do Roraima. O acto da entrega realizou-se na matriz de Macaé e em presença do próprio Sr. Bento Brasil, procurador da fazenda. O Sr. Brasil sabido, portanto, muito bem as suas obrigações, e elle mesmo as reconheceu. De facto, disse ao Sr. Geronymo de Moraes, vaqueiro da dita fazenda, que daqui em diante havia de tratar com os padres nos negócios da fazenda; prometeu ainda a remessa dos livros de sua administração; e antes de descer ao Macaé em fins de Julho, encarregou ao seu procurador Sr. Gustavo Mesquita, de dar execução da promessa. Os nossos padres, entretanto, tomaram posse da fazenda e iniciaram a administração dos bens da mesma.

3.

Logo encontraram embargos. O vaqueiro da fazenda pareceu obedecer a dois patrões, e o procurador, ás repetidas instancias dos padres, achou mil subterfugios, para não entregar os livros da administração. Enfim patenteou-se a má vontade, quando ^{por} ordem do Sr. Bento Brasil, o vaqueiro da fazenda levou um cavallo de que os padres usavam para os seus recursos. Eis a primeira causa, que houvio de romper fatalmente as boas intelligencias entre nossos padres e o chefe politico do Rio Branco. A outra razão era, como já dissemos, de natureza politica. O Sr. Coronel Bento Brasil, chefe politico do Rio Branco, tinha se tornado cada vez mais impopular por suas vexações e multiphas violencias praticadas contra seus adversarios, ou antes contra todos que não pensavam como o mesmo. Sua influencia politica soffria, em consequencia, serios abalos. Para conservar a dominção esclusiva, e remediar, se possivel fosse, o desastre de sua decadencia visivel, o Sr. Bento Brasil cogitou em estabelecer na Boa Vista uma loja maçonica, cujos membros deveriam servir a seus planos politicos. Para este fim desceu a Meandros, e voltando no mez de outubro (de 1909) da capital do estado com amplos poderes, constituiu a loja planejada, de que se tornou chefe. De 33 membros, ao começo, o numero dos maçons elevou-se pouco depois a 48. Em face desse novo perigo, os nossos padres tomaram ^{suas} providencias, resolvendo não aceitar como padrinhos, os que se diziam membros da loja,

excepto o caso, em que se offercessem serias dificuldades; caso esse, em que os padrinhos se entendessem directamente com o Vigário Geral. Os nossos não gostavam dos padres e buscavam substituir-lhes embaracos. Em vista desta ultima disposição dos membros da loja, justamente para não obviar á possiveis difficuldades, é que o R. P. Vigário Geral tinha ajuntado a clausula acima referida a respeito dos padrinhos. Mas onde a má vontade domina, todas as precauções conciliadoras são inúteis. Nestas circumstancias e principalmente por causa das desintelligencias levantadas a respeito do fazendeiro de gado, é que, cedo ou tarde, devia rebeatar a perseguição projectada pelo Sr. Bento Brasil e seus adherentes contra os nossos padres. Faltava-lhes somente uma occasião propicia para começar as hostilidades.

Feitos esses preliminares, que o chronicista julgou necessários para a orientação de nossos caros irmãos que lerão este relatorio, vamos agora narrar succincta e objectivamente tudo que se desenrolara de triste e doloroso nas longinquas regiões do extremo Norte de nossa querida patria. Eis os factos:

No dia 20 de novembro f. p., depois da missa celebrada pelo R. P. D. Adalberto na capella da Boa Vista, acercou-se d'elle um homem a pedir-lhe o baptizado de uma criança, de que se disse ser padrinho. D. Adalberto não conheceu este individuo. Dirigiu-lhe logo as perguntas de cos-

Time: se era casado, e se o era religioso amante. Respondeu que sim; e logo acrescentou, que era maçon da loja da Boa Vista. O R. P. D. Adalberto expoz-lhe então a lei da Igreja a esse respeito, que prohibe aos padres aceitar moedas como presentes: e teimando o homem com irritação, propoz-lhe aceitar-o como mera testemunha do acto, no caso não quizesse, se entendesse com o R. P. Vigário Geral. Promoveu o maçon em impugnações, e furioso recusou o alvitro e voltou para casa, levando a creança.

Foi esse individuo o Sr. Adolpho Brasil, filho do Sr. Coronel Bento Brasil, o que, porém, D. Adalberto de tudo ignorava. Chegando em casa de seu pai, Sr. Bento Brasil, que estava acompanhado pelo seu cunhado Gustavo de Mesquita delegado de policia em exercicio, Lafayette Pinheiro, seu sobrinho o subdelegado, e pelo Sr. Costa Gomes, promotor publico interino, narra o que se havia passado. Ficaram todos indignados por este acto do monge, diziam, importava em uma affronta e desmoralização para o grande chefe (Bento Brasil) ao qual o povo devia obedecer, ficando resolvido, em fim, que os presentes - excepto o chefe - fossem buscar o porão debaixo de pancadas, para que pedisse desculpa e fizesse o baptizado. D. Adalberto, ignorando o que se ia passar, foi ao caso do juiz municipal, Dr. Fabio de Barros Freire, tomar café. Elles, armados de revolvers e punhaes, iam entretanto a procura de D. Adalberto, e encontrando-se em cou-

minha com o R. P. D. Boaventura, no qual conjuntamente, onde se
achava D. Adalberto. Sabendo delle que estava em casa do Sr.
Felix dirigiram-se alli levando consigo D. Boaventura. Tendo
elegido ta. dirigiram-se a presença do Padre, e para que não fos-
se incommodado o Dr. Felix em sua residencia, pediu D.
Adalberto ao moço se interpedisse os turbulentos, repetindo-lhes
calmamente a doutrina da Igreja ajuntando que, pelo resto,
se fossem entender com o Vigario Geral. Começaram então a
atracar o R. P. D. Boaventura, arrastando-o violentamente
do passeio. Em seguida, o Sr. Gustavo de Mesquita, delega-
do de policia, conservando um revolver na mão, deu uma
foucaçada em D. Boaventura. Nesta occasião interveio em
favor do moço o Sr. José Bento de Pinho, pedindo que não
dêsse mais no sacerdote. A isso seguiram-se, em resposta,
outras muitas foucaçadas no representante da Igreja, aponta-
do-lhe o revolver. Rapidamente atirou-se o Sr. José de Pinho
de frente entre D. Boaventura e o aggressor do mesmo, pro-
testando altamente contra o crime nefando que ia ser prati-
cado e declarando, não consentir nelle. O delegado de policia,
porém, usando do revolver, puxou o gatilho, e, cynicamente, des-
fechou um tiro, que partiu o braço direito do generoso defen-
sor do agredido, caindo por terra, banhado em sangue.
Essa falta, abandonaram a D. Boaventura que logo se occupa-
rou de ferido, e concluziram o R. P. D. Adalberto a ^{partir} forçá-lo a Igreja,
afim de, sob pena de morte, effectuar o baptizmo da crian-
ça. D. Adalberto fel-o no meio dos moucos que zombaram delle cru-
elmente. Já estava occubando a sacramentação da criança, quan-
do, o regente, o Coronel Bento Brasil, tendo sabido que se
havia passado, e achando pouca a que haviam feito, dirigiu-se,
em mangas de camisa, á Igreja, e vomitando uma parvoaria
de insultos e blasphemias contra Deus e todos os Santos, este

feteiro do rosto de D. Adalberto, o qual só perguntou ao padrinho, se podia acabar o baptizmo, ou que seguia novo e treinando da compostura da parte do Sr. Bento. O padrinho do menino caiu então em desmaio. Outras mulheres protestaram encoicadamente contra o ignobil procedimento de Bento Brasil. Este, consciente de seu acto repugnante e temendo a justa censura do povo, gritou em altos brados, que, quem tivesse o ^o arrojado de renovar o seu acto, fosse homem ou mulher, fosse ou não pessoa de consideração, mandaria metter no cadeia de boizeo de fôrca. Durante a balluridia o delegado Mesquita mandou prender um indiosinho que serviu de sacristão, de nome Sabino, o que seus paes haviam confiado aos padres para educar. Até hoje não se sabe a respeito da sorte do infeliz indiosinho.

Logo que se deram os sacrilegos attentados do dia 20, o R. P. D. Achario, Vigario Geral, mandou fechar a Igreja e, receiosos pelas ameaças, affastaram-se os Padres da villa, indo morar em umas barracas de palha a alguns kilometros de distancia do povoado.

Affroximou-se, entretanto, a festa de N. S.ª do Carmo, padroeira do Rio Branco, e os servicos dos monges iam tornando-se necessários. Mas estes não queriam voltar ao ^{villa}. O Sr. Bento, porém, achando que, o que elles haviam soffido não justificava a sua ausencia, mandou intimal-os para que viessem fazer a festa ou se retirassem, de uma vez do Rio Branco. Nossos monges, como temessem uma sequente aggressão, retiraram-se para « Capella », fazenda situada em frente do forte de São Joaquim e pertencente a um generoso cearense, Sr. Paulo Cordeiro da Cruz Salobranho, que lhes offereceu este abrigo, contentando-se elle proprio com uma choupana pouco distante e' ahi, pois, que nos

os padres se installaram, e ali pensavam permanecer, até que os poderes competentes lhes dessem as devidas garantias.

Entretanto, Bento Brasil e seus asseclas, reunidos em corte, arrombaram violentamente as portas do templo na Boa Vista, e delle se apressaram, fazendo novas fechaduras. Sejou porque a festa já imminente da padroeira do Rio Branco desse bastante lucro pecuniario - pois o povo affluia em numeros - ou talvez para affrontar ^{nerosamente} os padres, em todo o caso, elles não podiam deixar passar a occasião: Realizaram sacrilegamente as novenas de N.ª S.ª do Carmo, a festa da Immaculada Conceição e a do Natal, e na falta dos sacerdotes que expulsaram, serviram-se de tres individuos da loja maçônica, que faziam alternadamente o papel de padres, entre ditos e dichotes, e depois de tanto sacrilegio, saíram da Igreja á máa em procissão caricata.

Após esta perseguição violenta, evidentemente não se pôdeu mais pensar em que o Sr. Bento Brasil entregasse a fazenda de N.ª S.ª do Carmo aos padres, tanto menos, que se tinha entretanto ainda apoderado da capella. Mas com isso não se contentou o Sr. Coronel; porque, vendo a casa dos padres que expulsaram, ^{da Boa Vista} abandonada por seus donos, apressou-se tambem a essa propriedade, installou alli mesmo a loja de que é chefe, e realizou nella as sessões maçônicas, ficando a casa guardada por homens armados.

Desde a fugida dos nossos padres reina na pequena villa de Boa Vista o regimen do terror, principalmente contra tudo que se mostre favoravel aos padres. Ninguem pisar a villa, senão que ^{em} isso estiver forçado por negocios. Os indios retiram-se nas selvas, ou fogem para o territorio da Gujana inglesa, onde acham protecção e amigavel tratamento pelo governo. Eis um especimen da perseguição:

nam para Copella, fazendo-a situar nos proximidades do forte de São Joaquim e da fronteira da Guayana Inglesa. Deste lugar de refugio, o Vigario Geral do Rio Branco, R. P. D. Achario, dirigiu ao Sr. coronel Bento Brasil, uma carta de protesto (ver o apendice deste chronico) com a data de 25 de dezembro de 1909, profligando as violencias sacrilegas commettidas contra os padres, condemnando a independencia secular no governo da Prelazia do Rio Branco, e a usurpação e detenção de bens ecclesiasticos. Terminou elle a bella e digna carta, pedindo em seu nome e no de seus compinheiros, as injurias soffridas e as calumnias levantadas contra elles, não esquecer, porém, de lembrar as censuras ecclesiasticas, em que incorrem os que occupam ou detem e usurpam os bens da Igreja. Em mesmo tempo fez communicação do occorrido ao governador do estado de Amazonas, Sr. coronel Antonio Clemente Ribeiro Bittencourt, pedindo protecção de vida e propriedade, e que nomeie uma commissão de inquiritos imparcial, para apurar as responsabilidades das tres occurencias em Boa Vista. Escreveu ainda cartas aos Ex^{mos} e Rev^{mos} Srs. Bispo de Manaus e Arcebispo de Goiás, pedindo a intervenção dos dois prelados junto ao governo estadual.

Continuemos, porém, a narração dos factos. O Sr. Cruz Saldanha, como acima referimos, desceu para Manaus, levando consigo diversos papeis e documentos do Vigario Geral, que explicavam o verdadeiro estado de cousas, a fim de pedir providencias ao Sr. Governador. Descendo em canoa o Rio Branco, foi elle avisado em 25 de Janeiro de 1910 - que perto da Boa Vista lhe tinham armado uma cilada para matal-o, dirigiu

da pelo juiz de direito, Dr. Castello Branco. (Este mesmo senhor é que, há tempos, pretendia agredir o R. S. D. Pectas, quando foi realizado um Captizmo em ^{do cunhado} casa do tal juiz. Graças, pois, a este aviso, em boa honra recebeu, e que o Sr. Saldanha escapou de morrer no dia referido, sendo mais feliz que um fazendeiro, seu amigo, o qual foi assassinado poucos dias antes, aos 20 de Janeiro, por membros da facção politica, actualmente em vigor na villa da Boa Vista. Chegando a Manaus, passou logo extenso telegramma ao nosso Mosteiro no Rio, narrando tudo o que alli se passava. Não entretanto aqui no Rio, não recebemos da Capital do Amazonas telegrammas algum nesse sentido. As negociações que o Sr. Saldanha desde já encetou com o governo do Estado, não houveram resultado, enfim, todos os esforços empregados pelo generoso defensor dos monges em pro' dos mesmos, eram frustrados. Para comprehender este facto estranho, é preciso saber, que o Sr. Bento Brasil, tendo chegado a Manaus antes do Sr. Saldanha, e dispondo de maiores recursos que este, ultimo por sua influencia de chefe politico e deputado estadual, já tinha preparado tudo e prevenido a todos em desfavor dos monges, não recuando perante as mais absurdas calumnias. Entre outras cousas accusava os padres, de revolucionarem o povo, de reunir em deposito armas de guerra e dynamite, para fazer voar nos ares toda a aldeia da Boa Vista, sendo o chefe militar do completo o Sr. Saldanha e o chefe engenheiro o R. S. D. Praventura. Em virtude dessas e outras calumnias, obtinha em fim o coronel Brasil do Governador um destacamento de 10 praças de policia, para restabelecer a ordem no Rio Branco e apurar os factos alli occorridos. Com este destacamento das forças ^{estadaes} commandado

por um affere ás suas ordens, o Sr Bento Brasil embarcou para o Rio Branco.

Entretanto chegaram ao Rio - no dia 5 de março - as cartas com muitos documentos do R. P. D. Achourio, Vigario Geral, as quaes mandaram o Sr Saldanha de Albuquerque em data de 19 de fevereiro, ajuntando este ultimo Senhor as occurencias posteriores de proprio punho. Narram-se nestas cartas todas as perseguições e violencias soffridas pelos padres da parte de Bento Brasil e seus asseclas politicos, em outras palavras, contam-se nellas todos os factos occorridos aos 20 de novembro de 1909 e tudo mais que o Chronista acaba de expôr.

Logo que ouvimos aqui das lamentaveis occurencias no extremo Norte, o nosso R. P. Vice-Frion, D. Gaspar, na ausencia dos outros Superiores, subiu (em 6 de março) a Petropolis, em companhia de pessoa competente, frouz. communicou ao Ex^{mo} e Rev^{mo} Sr. Nuncio Apostolico os necessos do Rio Branco, e para pedir ao Ex^{mo} Sr. Presidente da Republica garantias de viola e proferido de favor nossos monjes. S. Ex^{ia} o Sr. Presidente, prometter providencia e neste sentido ^{enviou} logo telegrammas ao Governador do Estado. No outro dia recebemos em resposta a nossa pergunta telegraphica, do Ex^{mo} Sr. Dr. Silveira Nery, antigo governador do Estado do Amazonas, o seguinte despacho: «Providencias tomadas. É verdade que os monjes estao sendo perseguidos». Mas no dia 9, o Sr. Saldanha nos mandou telegramma contradictorio, dizendo: «O Governador do estado nada providenciou, antes forneceu soldados ad alojz dos padres. Não temos nenhuma garantia. O municipio esta todo anarchizado. Nada esperamos do governador politico. Pedimos urgentes providencias.» - Ouvimos, com effeito, que o Governador

a pedido de Bento Brasil, mandára aquella força ao Rio Branco, não para salvaguardar os padres, mas sim para prendel-os. Neste dia mesmo veio de Manaus pessoa altamente collocada, que confirmou os ditos do Sr. Saldanha.

Entretanto chegou do Sr. Governador do Estado do Amazonas a resposta ao telegramma do Ex^{mo} Sr. Presidente da Republica, telegramma a que acima nos referimos, communicado ao chefe da Nação, e ter enviado uma força de 10 praças commandadas por um official, ao qual deu a incumbencia de apurar os factos desenvolvidos no Rio Branco - e de garantir a vida e liberdade dos monges - vida e liberdade por que se responsabiliza. perante essa affirmativa do Sr. Governador do Estado do Amazonas deviamos nos calar por contentes. Sabendo, porém, que a mencionada força estadual não era em favor de nossos padres - nem podia ser-o, pois era chefiada pelo proprio coronel Bento Brasil - pedimos ao Sr. Presidente da Republica, que desse ordens directas á força militar que depende do governo federal, afim de assim proteger mais efficazmente a vida e propriedade de nossos padres. O Sr. Presidente, todavia, julgou desnecessaria, por enquanto, esta intervenção directa da força federal, visto as declarações tão absolutas do Governador do Estado do Amazonas.

A opinião publica da Capital ao saber os acontecimentos desenvolvidos no Rio Branco, e muito amavelmente noticiados com documentos e photographias pelo Jornal «O Universo», tomou logo o partido dos monges perseguidos. Grandes e muitas foram as provas de sympathia que, de todos os lados, recebemos nestes dias de afflicção. O circulo catholico convocou immediatamente seus membros para uma sessão extraordinaria, profligando as

violencias inauditas e declarando-se solidario com a Ordem benedictina e com a carta de protesto ^{escrita} ao coronel Bento Brasil pelo digno e energico Vigario Geral, R. F. D. Achario Demuynek (carta-protesto ver no appendice) Enviaram ao Mosteiro uma commissão, que nos participasse estes sentimentos, e uma outra ao Sr. Presidente da Republica, que manifestasse a S. Ex^{cia} a gratidão do circulo catholico pelas medidas já tomadas sobre a reclamação da Ordem Benedictina, e que se solicitasse, além da continuacão de sua vigilancia, a expedicao das necessarias ordens para a provida punição dos delinquentes.

Passaram-se uns 15 dias. A preocupação com os successos do Rio Branco se tinha acalmado, e os tristes acontecimentos iam-se esquecendo, quando, de repente, telegrammas de Mapanão alarmaram de novo o espirito publico. Nossos missionarios foram atacados e, apuz forte tiroteio contra a casa em que moravam, conduzido presos para Boa Vista, e tudo isto pela autoridade estadual. O despacho telegraphico do correspondente do Jornal do Brasil reza assim: «Mapanão 26 de março. Acabam de chegar noticias do Rio Branco dizendo, que a força policial atacou a casa do Sr. Paulo Cordeiro da Cruz Salobanhô, onde estavam refugiados os Monjes da Missão Benedictina, apingando o edificio e inutilizando a mobiliav e livraria dos benedictinos, conduzindo dois monges e dois vaqueiros a Villa da Boa Vista do Rio Branco». E dois dias depois, o antigo Governador do Amazonas, Sr. Silverio Nery nos telegraphou: «tácabo de saber fugiram dois monjes para Demerara (Guyana inglesa)» -

eis as providencias tomadas pelo Governador do Amazonas, e o resultado da expedicao enviada ao Rio Branco pelo mesmo,

para garantir a violação e liberdade dos monges! As informações do Sr. Salobranha estavam assim plenamente confirmadas. O Sr. Governador do Estado do Amazonas pactuou com o coronel Bento Brasil, ludibriando o governo central da Republica e todos os demais. — Ao chegarem estas noticias dolorosissimas — que aliás para gente sisuda, não eram tão inesperadas — a opinião publica revoltou-se de modo quasi todos os jornaes, prescindindo de alguns notoriamente infensos á religião catholica publicaram artigos em defesa dos monges. Em frente de todos andava esta vez o «Jornal do Brasil» que não offereceu todo o seu prestigio para defesa dos interesses da Religião Catholica e de nossa Ordem, publicando diariamente, ora artigos vehementes contra o governo do Amazonas, ora profligando os ataques aos indefesos monges por espirituosas caricaturas. O governo federal, tendo recebido conhecimento official, tanto de nossa parte, quanto de Spaniards, e do Ex^{mo} Sr. Arcebispo do Pará — das deprecações e do aprisionamento dos monges, tomou esta vez as medidas que já lhe tinham pedido tomar desde o principio. Eis a noticia official a respeito, e que foi publicada em todos os jornaes da Capital: «O Sr. Presidente da Republica teve communicação de que são lamentaveis os successos que se têm desenvolvido em Rio Branco, Estado do Amazonas. A policia local espingardeou o couro dos monges benedictinos, tomou a sua Igreja, bem como a sua propriedade agricola, e se apoderou de dois monges. Já dias antes o governo recebeu photographias de victimas seviciadas. Não podendo o Governo ser indifferente ao factos criminosos tão graves e, acreditando que as autoridades do Estado não tem tido meios de garantir a violação e propriedade desses religiosos, ordenou, que fosse augmentado com

urgencia e o desestacamento da linha do forte de São Francisco e que a força federal assegurasse o socorro a essa missão religiosa.

Ficou assim privilegiado pelo Ex^{mo} Sr. Presidente da Republica, que desde o começo de toda esta questão se mostrou verdadeiramente favoravel à nossa Ordem, salvando assim os interesses da civilização e do Direito. Os catholicos da Capital e do Mosteiro, em face da correcta e benevola attitude de S. Ex^{ia}, não queriam ficar na retaguarda. É por isso, que no domingo seguinte, 3 de abril, grande numero de catholicos - com o assentimento e a benção do Ex^{mo} Sr. Cardinal Arcebispo - foi a Petropolis levando com os protestos de sua indignação pelas violencias praticadas contra os monges beneditinos, seus aggravedamentos ao Governo da Republica pelas medidas que tomou em favor dos mesmos. O trem especial com os peregrinos chegou alli as 4 horas da tarde, juntandolhes logo na estação os membros do Congresso dos jornalistas catholicos que nestes dias ali se estavam celebrando, e onde os congressistas em diversas sessões já tinham protestado contra os crimes do Rio Branco, e tomado de varias resoluções a respeito. Assim reunidos, pois, na estação formaram impetivamente cortejo, cujo numero se elevou desta parte a mais de 1000 pessoas. Depois percorreram as ruas de Petropolis em direcção ao palacio presidencial. O Sr. Presidente recebeu os catholicos na escadaria principal do palacio Rio Negro. Fez-se então eco dos sentimentos catholicos dos sentimentos catholicos o eximio jornalista e deputado Sr. Dr. Hermann de Oliveira, cujas discursos S. Ex^{ia}, o Sr. Presidente da Republica, respondeu em resumo a seguinte: «O Governo da Republica, vós o sabeis, não é orgão de nenhuma creia.

ca religiosa, mas ^{igualmente,} sobeis que asseguram a liberdade a todas ellas. Os graves acontecimentos de Alto Aragoas chegaram ao Governo e ao espirito christão e liberal do paiz em uma onda de commoção e de revolta (applausos prolongados), e se cumpre á União manter a todo o trancão a autonomia dos Estados, e o respeito devido ás suas autoridade. -- não lhe cumpre menos, assegurar o culto publico e livre de todas as Confissões religiosas, amparando as, suas propriedades e os seus direitos. (Commoção). O Governo da União não podia ser insensivel ao sacrificio da vida de Corasileiros; e, as virmas da Republica não prestariam formaes á esse restricção voliosa ás garantias e liberdades constitucioaes, partisse ella de onde partisse. (Muitos applausos prolongados). Neste momento as forças do exercito soccorrem a missão Gencalitinara. (Applausos prolongados).

O Sr. Presidente da Republica fallou do vestíbulo do Palacio Rio Negro, enchendo a enorme multidão os jardins e a rua. Ao retirarem-se os catholicos, foram erguidos «Vivas» ao Chefe da Nação.

Após estas providencias e declarações do Governo Federal, que excitaram os mais vivos applausos no espirito publico, podemos estar tranquillios. Contudo, diversos cartões de nossos paes do Rio Branco e do proprio estado de cousas nos obrigam -- para pôr a vida dos missionarios em plena segurança, -- a dar mais um passo nesta questao, passo que teve toda a approvação do Sr. Presidente da Republica: Tratar-se de impetrar ao Supremo Tribunal Federal o remedio do «Habeas-Corpus» previsto no codigão para, casos semelhantes, em virtude do qual gozam da immidade pessoal os que o possuem, ao mesmo tempo que permite ao Governo

federal a ingerência immediata nos negocios estaduais que dizem respeito. Encarregou-se desse serviço o Sr. Dr. Candido de Oliveira, elaborando os necessarios documentos. O Supremo Tribunal reuniu-se em sessão ordinaria aos 6 de abril, e após prolongada discussão sobre a competência do tribunal nesta questão - pois era pela primeira vez que um caso tal se contecia - concedeu por unanimidade o remedio do Habeas-Corpus aos 6 religiosos de nossa missão, potentecendo deste modo a seu alto superior de justiça e a solidamidade com o Chefe da Nação. Immediatamente foram expedidos telegrammas ao juiz federal do Amazonas e ao governador do Estado, comunicando-lhes a decisão do Supremo Tribunal. Infelizmente chegaram estes telegrammas a Abunio com atraso de 8 dias, porque o cabo submarino estava quebrado. - Um sentido « Deo gratias » escapou-nos ao todo do feito ao ouvirmos a boa nova da concessão do Habeas-Corpus. Agora é que nossos curros irmãos no Rio Branco estão efficazmente protegidos e ao abrigo de todas as perseguições da parte de seus ogyzes. Honro e gratidão seja ao Supremo Tribunal Federal e ao Governo da Republica, que em tão boa hora e com tanta presteza souberam intervir em favor dos nossos mojes, unificando gloriosamente os interesses da justiça e da verdadeira civilização. Os redactores do « Jornal do Brasil » os infatigaveis defensores da nossa Ordem, telegrapharam para Roma logo que foi conhecida a decisão unanime do Supremo Tribunal, comunicando-a ao nosso Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. D. Archiepiscopo Bispo Prelado do Rio Branco, que estava então em Roma, e aos altos personagens da Igreja, a quem cabia o conhecimento do

assumpto. Dalli' è que entre outros telegrammas chegou em
da Chancelaria do Estado, elogiando nosso Governo e os re-
dactores do Jornal do Brasil. Foi concebido nos seguintes
termos: « Roma, 8 de abril. — Fernando e Condiolo Aben-
des, Riv. Brasil: O Santo Padre agradece vivamente
os serviços que prestaram na gravíssima questão, a que
se refere seu telegramma. É agradável testemunhar a
imparcialidade e alta justiça do Supremo Tribunal, digno
da bella e grande Nação Brasileira. — Cardinal Meyer-
del Val. — Do Vaticano e do nosso Ex^{mo} e Rev^{mo} Sr.
D. Archieplade-Bispo foram dirigidos telegrammas de
agradecimento ao Ex^{mo} Sr. Presidente da Republica.

Como a partilha da Força Federal ao Rio Branco
e mais ainda pela concessão do Habeas-Corpus aos nos-
sos monjes, a questão do Rio Branco suscitado pela ambi-
ção e cobiça do Sr. coronel Bento Brasil, está acabada
por enquanto, de que damos graças a Deus de ^{correcção} ~~função~~

Esperemos, que nossa missão possa continuar a
diffundir a luz do Verdade e espalhar profusamente o
calor benfazejo da Caridade christã nas plagas sentimen-
taes do extremo Norte de nossa Patria, afim de conduzir
os pobres selvícolas, nossos irmãos, ao gremio da civilização
e aos braços estremecidos de nossa Mãe, a Santa Igreja
catholica. Juntemos as mãos e lancemos ao Pae das miseri-
córdias os nossos suspiros em favor daquelles infelizes
ainda sentados nos trevas do paganismo e na sombra da
morte. Não esqueçamos tão pouco nas preces quo-
tidianas os nossos caros irmãos missionarios que, des-
pregando a viola terrestre, foram, quæc outros Pontifi-
cios, levar a boa nova do Senhor nos inhospitos sertões
do Rio Branco, e que, affrontando corajosamente as fer-

seguições da raiva diabólica, mereceram ser achados dignos servos do Senhor. —

As últimas notícias de Manaus nos annunciam, que o Rev. J. D. Achario desceu do Rio Branco e foi ter com o Sr. governador do Estado do Amazonas, pelo qual foi — dizem os telegrammas — muito bem recebido. O R. P. Vigário Geral, cuja bella e enérgica carta de protesto ajuntamos no appendice desta chronica, tenciona vir ao Rio e foi chegado a noticia do seu embarque. — Em vez, porém, do R. P. Vigário Geral acaba de chegar hoje — 5 de maio — um relatório do ataque da casa do Sr. Cruz Salomão, relatório que traz a data de 18 de março de 1910 e foi escrito em Cayellas. Conforme este documento as occorrencias daquelle memoravel dia não foram, graças a Deus, de tanta gravidade como os telegrammas nos referiram, porque não foram presos dois padres e conduzidos a Villa da Boa Vista. Não pouco é verdade, que dois monjes fugiram para a Guyana inglesa. (Os equívocos parecem se explicar pela viagem de dois missionarios para alli, assim que pela presença de terceiro em Boa Vista durante os acontecimentos fataes, conforme ficarei exposto mais adelante). Infelizmente não pode o chronista desmentir o espingardamento da casa e os clamores resultantes deste, nem tão pouco as outras noticias acima mencionadas. Sem mais introduccão vamos agora referir resumidamente o contendo do relatório, que não temos de receber.

No 2 de Março os R. P. J. D. Achario e D. Boaventura fizeram (de Cayellas onde moravam) nossos missionarios neste o dia 20 de Novembro segundo acima referimos) uma viagem de exploração ao rio Tocutú, tendo por fim principal de se encontrarem com um padre Jesu-

ita, estabelecido como missionario na Guyana inglesa, não muito distante da fronteira. Não encontramos o Padre Jesuita, por estar em viagem de missão, voltando os seus passos à Capella, onde chegaram no dia fatal de 8 de março, mas só depois de meio dia e por consequente, só depois do espinhaculo da coisa.

Nos primeiros dias do mesmo mez, o R. P. D. Beda foi chamado ao Boa Vista para medicar e socorrer uma pessoa doente. D. Beda para alli foi no dia 6 de março, tendo antes recebido garantias de segurança da parte das autoridades municipales, e que foram exigidas pelo Rev. P. D. Superior nas circunstancias actuaes. Ao chegar em Boa Vista, o R. P. D. Beda viu, que acabava de desembarcar um destacamento de policia, sob o commando de um alferes, que igualmente era nomeado delegado de policia, sendo exonerado deste cargo o Sr. Mesquita, o aggressor do R. P. D. Boaventura nos occorrenças do dia 20 de Novembro. Com este alferes o R. P. D. Beda teve uma entrevista, felicitando-o por trazer a paz e a ordem como aquelle affirmava. No mesmo dia - 7 de março - o commandante das policia parte pelo rio, enquanto outros praças escolhem o caminho por terra, e ambos os destacamentos em direcção à Capella, com o fim de atacar aquella freguesia, pois que se viu ali um grupo de revolucionarios, assim como armas e dynamite. Accusações estas que - como já sabemos - foram feitas pelo coronel Bento Brasil num officio dirigido ao Sr. governador do Estado e segundo o qual o Sr. Salbando e o Rev. P. D. Boaventura já por duas vezes fizeram a tentativa e lançam aos ares toda a aldeia de Boa Vista - .

O R. P. D. Adalberto, o unico Padre, pois, que morava naquelles dias de Mourco na fozenda de Capella, soube por boato, que fôrneassem atacar a casa, e consultou, por isso, o Sr. de Mourco, o commandante do forte de São Joaquina a respeito da attitude que devia tomar. O commandante aconsellou-lhe que ficasse tranquillamente em Capella, por não haver motivo da parte da policia, para fazer del o que. Em virtude deste conselho, D. Adalberto desistiu do plano de fugir, que antes tomára.

Vem o Sr. de Mourco. Logo ao desportar da aurora, depois de ter recebido o Breviario e distribuido a Santa Communhão aos 2 irmãos leigos Gaspar e Abelchior, soube o R. P. D. Adalberto, que a propriedade estava cercada de todos os lados por policiaes e talvez tambem por paisanos. Erão 5 horas 1/2 da manhã. D. Adalberto manda então os alguns empregados que fecharão ^{as} portas e as janellas. Achavam-se nestas occasiões 9 pessoas na casa a saber: o R. P. D. Adalberto, os 2 Irmãos leigos Gaspar e Abelchior, 4 empregados indigenas e 2 indigenzinhos educandos. Apenas, porém, fecho-las as portas, viu-se uma descarga de tiros, vindo de frente da casa. D. Adalberto e os 2 irmãos leigos retiraram-se a mestron-tolos do interior da casa, buscando proteccão contra as balas atráiz de uma parede de tijolos. Instoillados alli, e feito um acto de contricção, requiriu-se incontinentemente um tiroteio em regra contra a casa, de todos os lados penetraram as balas nas habitacoes, danificando o fredo, os moveis, os livros e até o sacramento da capella. Assustados atráiz da parede esperavam a morte ou - o cessar do fogo. Enfin, após longos 15 minutos, que lhes pareciam uma eternidade, o tiroteio diminuiu e acabou de todo. Sufindo então do lugar de

refugio, todos incolmes pela protecção de Deus e do mundo, pediu o R. P. D. Adalberto por um intermediário numa entrevista com o chefe das praças, a qual logou-se realisar. Interpellado pela razão de ser desta aggressão hostil, o commandante da força, d'aquele tempo, um cabo, respondeu immediatamente: « Procuramos o João Vianna, bem como o José Dorotheu, e julgando escondidas alli as pessoas procuradas, tiramos sobre as casas. » Convictos por D. Adalberto a ver a casa, para convencer-se, que essas pessoas não estavam nella, recusou, dizendo que acce- ditavam nos palavras do padre. Pouco depois retiraram-se apressadamente, o cabo e as praças, que eram em numero de 7. Para effectuar a retirada mais rapidamente, montaram até 2 num só cavallo.

Algumas horas depois do espingardamento, as 9 1/2 mais ou menos, cheyos a residencia dos padres e al- geres com o resto das 3 praças do destacamento e alguns paisanos, tomou-se logo conhecimento dos factos occorridos. O R. P. D. Adalberto offerece-lhes a todos vinho e biscoi- tes, o que foi acceito. Durante a conversação amigavel que se travou, o Sr. Alferez diz entre outras cousas: Em vim- d'um não para fazer absurdos, e sim para manter o ordem. Foi-lhe mostrado então a casa e os clamores e ur- saos pelo tiroteio, dizendo o alferes, não ter estado ordem para tal procedimento. Ao meio dia voltavam de sua viagem ad Taentia os R. R. P. P. D. Achario e D. Boaven- turou que, tendo sabido do ataque já nos proximidades da fugenda, apressaram os cavallo. Em presença dos dois recém-chegados rejeitou o Sr. alferes - commandante das policiaas o que antes tinha declarado ao R. P. D. Adal- berto: Em não dei ordem para este procedimento, e mais

« O Sr. Governador me mandou em commissão especial parao verificar, se era exacto, que os padres tinham ajuntado munição, dynamite e armamentos, e em vez de ensinarem a fé de Christo, ajuntavam gente para brigar, talisse ainda. Reprovo o procedimento das pracas; ellas serão castigadas». Todas as pessoas presentes foram então tomadas parao testemunhas destas declarações. Os alferes, que em seguida se retirou com suas pracas e os fazendeiros, prometendo voltar no dia 10, afim de abrir inquerito rigoroso. Ao mesmo dia, de tarde, o R. P. D. Aécio dirigiu-se ao forte de São Joaquim, pedindo protecção visto correr o boato de novo ataque. O Sr. Commandante do forte aconselhou-lhe de ir a fazenda nacional de São Marcos - situada na vizinhança - e de pedir ajuda ao administrador daquelle fazenda, por não ter accommodações no forte. Os padres seguiram este conselho, sendo yentilmente recebido pelo administrador. Por enquanto moram lá, tendo deixado os bens em Cayella.

Durante todos estes acontecimentos na fazenda de Cayella o R. P. D. Beata estava na villa de Boa Vista, tratando de tal mulher doente, como acima ficou exposto. Tendo ouvido dizer, pouco depois de sua chegada ao villa, que projectavam prender ao R. P. D. Braven-terwa, mandou aviso secreto a Cayella. Os advogados amigos dos monjes souberam ^{porém,} desse aviso, e logo foi preso o marido da tal doente, por ter expedido a prevenção de D. Beata. A casa deende Lendon (de nome Abachudo) e a vizinha foram, em consequencia, vigiadas pelos soldados, com ordem formal de atirar sobre qualquer pessoa, que tentasse sahír della. Esta medida foi retirada no dia seguinte, sendo no mesmo estado.

- 10 de março - intimado o R. P. D. Beda para comparecer na Intendencia. Ahi elle compareceu, foytando contra as acusações feitas aos padres. Quando foy interrogado acerca dos acontecimentos do dia 20 de Novembro f. f. declarou não poderem voltar os padres à Boa Vista, antes de terem recebido satisfação publica. Em 11 de março, voltando à Capella, já de noite, e chorando muito, veda o R. P. D. Beda a communidade partida para São Marcos, para onde se dirigiu no outro dia. Em vista das noticias, que o R. P. D. Beda trouxe da Boa Vista (quasi todas o commista ignora) resolveram os padres voltar para Capella em 12 de março; o que se fez. Ao 13 o R. P. D. Braven-turo e chamados a Villa para fazer mais rez, e rez, confirmando o que D. Beda antes tinha declarado. - De todos os factos, sobre o espingonamento da casa, o R. P. D. Achario, Vigario Geral, mandou um officio ao Sr. Governador do Estado, implorando novamente o seu auxilio.

Em, todas as noticias que o chronista foyde tirar do re-latorio do ataque à Capella, recebido, e por pouco dias, do Rio Branco. Para apurar as responsabilidades da vixges-são ou explicar a desintelligencia entre o cablo e o al-feres, e para vêr, em fim, claramente neste pleito de entragas, é preciso esperar novos mais recentes de nossos padres. Por enqunto, porém, estamos seguros, que elles estão ao abrigo de novas hostilidades pelas medidas ef-ficazes tomadas pelo Governo federal. E isso, no entanto, no basta.

Lamentando as tristes occurrencias, submette-mos-nos, comtudo, humildemente à santa vontade de Deus, que, indubitavelmente o esperamos, encaminhará

estas bençãos para a futura prosperidade de nossa mis-
são. São estas também as sentenças e súplicas
de nossos pastores missionários no Rio Branco, que se ale-
gram, de poder sofrer pelo nome de Jesus e que, como
nos escrevem, têm a certa esperança de que a fundação
lance sólidas e firmes raízes para a gloria de Deus e
salvação das almas.

Recomendando novamente nossa mis-
são às bençãos de todos os monges
da Abadia Nullius do Rio de Janeiro e às fervorosas ora-
ções de todos os caros irmãos em São Bento

seu de affectuosamente

O Chronista.

Rio de Janeiro, em 20 de Maio de 1910.

Appendice
ao relatório dos successos
do Rio Branco.

Carta - protesto, que dirigiu o R. P. D. Achario Demu-
ynck C. S. B., Vigario Geral do Rio Branco, ao Sr. Corvo-
nel Bento Brasil, chefe dos perseguidores dos monges.

Abbadia Nullius de N. S. do Monteerrate.

Cojella, 25 de dezembro de 1909.

Ex. mo Senhor,

Após os acontecimentos que se deram na Boa-Vis-
ta no sabbado, 20 do proximo passado, cabe-me, em vir-
tude do meu cargo de Vigario Geral desta freguezia
do Rio Branco, protestar contra as violencias commet-
tidas contra os nossos direitos e contra os R. P. Pa-
dres D. Braventura e D. Abelberto.

É summamente triste e lamentavel, que em paiz tão
catholico e civilizado como é o Brazil, o povo chri-
stão seja escandalizado e horrorizado, vendo os seus
ministros, que tanto respeito e honra, agredidos de
revolver e de punhal no praça publica e esbofetea-
dos até no recinto da Igreja no acto de administrar
o baptismo, não faltando os insultos os mais ultraj-
josos ao homem e ao sacerdote.

Acõntece mais, que na mesma occasião levaram um
indiosinho, cujos paes nol-o tinham entregue, para ser
educado.

Os acontecimentos de 20 de Novembro são uma amea-
ça sussustadora para o futuro, pois que a aggressão

2.
partes de pessoas, que pelos altos cargos que occupão, deviam ser as primeiras, a garantir a vida e a liberdade dos cidadãos. E quaes os motivos destas violências? Porque os R. R. Padres lembravam a um senhor que se dizia maçon na Boa Vista, e que na qualidade de padrinho vinha pedir o baptismo de uma criança, — que a Igreja Catholica, não accitando como padrinhos os membros de tal associação, devia elle entender-se com o Vigario Geral desta Prelazia. Foi então que, desprezando a legitima autoridade ecclesiastica estabelecida no Rio Branco, obrigaram os Rev. R. Padres pela força brutal, a accitar o padrinho contra a vontade e preccito da Igreja Catholica, Apostolica, Romana. Esta lei da Igreja que todos conhecem, V. S. podera achar nas actas do Concilio Plenario da America Latina, celebrada em Roma no anno de 1899, onde se reuniram tambem os membros do Episcopado Brasileiro.

Por ventura sera um crime para um sacerdote, cumprir os seus deveres?

Tendo eu sido mandado por S. Ex.^{ma} ^{Rev. mo} o Sr. D. Gerardo de Calvo O. S. B., Bispo de Phocia e ordinario da Prelazia do Rio Branco, para governar a mesma Prelazia, e ajudado por meus companheiros, exercer o ministerio sagrado, e auxilium ao povo em suas necessidades espirituales, não trouxe outra religião, outros dogmas, outra moral, outros deveres, senão a religião, os dogmas, a moral, os deveres propostos e impostos por nossa Mãe, a Igreja Catholica, Apostolica, Romana, instituida por nosso divino Salvador Christo Nosso Senhor, e governada pelo Vigario de

3.

Christo nesta terra, o Papa de Roma. Portanto, cabe a nós ministros, sem os primeiros a respeitarem os preceitos da nossa Igreja, e aos fiéis, ser filhos obedientes ao Papa, aos Bispos e aos legítimos ministros, que o Papa e os Bispos estabelecem e mandam! Quem não quer obedecer a Christo e a sua Igreja, não pode, de forma alguma, fazer parte d'ello, segundo a palavra de Nosso Senhor: - quem comigo não é, é contra mim (Matheus, XII, 30); logo, também não tem mais nenhum direito aos bens e favores espirituaes, que a Igreja concede e distribue aos seus membros.

Toube, que certas pessoas procuram outras razões das violencias do dia 20 de Novembro e, na verdade, será mister, inventar as calumnias as mais infames, para justificar actos que não tem classificação.

Continuo, segundo o conselho e o exemplo de Jesus Christo, feroz, em meu nome e em nome de meus companheiros, as calumnias levantadas contra nós.

De quem foi constituído juiz dos vivos e dos mortos (Act. IX, 42) Nosso Senhor Jesus Christo, julgará em última instancia, onde faltará a justiça humana, reservando para si a vingança, conforme a doutrina do Apóstolo aos Romanos: "Não vos vingueis a vós mesmos, amados, antes dae lugar a ira, porque está escripto: minha é a vingança, eu a recompensarei, diz o Senhor (Rom. XII, 19).

Baseado sobre o art. 42, Seccão 2ª Tit. 4ª da Constituição Brasileira, garantindo a independência da Igreja, protesto contra a ingerencia de V. S. no governo da Prelazia do Rio Branco, visto que contra minha ordem e sem minha licença, V. S.

mandou violentar as portas da capella de N.ª S.ª do Carmo, que mandei fechar, até obtermos garantias e podermos tornar a exercer nosso ministerio nessa capella.

Em virtude do mesmo artigo acima referido reclamo para mim a entrega e administração da fazenda de N.ª S.ª do Carmo em um estado digno consistindo em gado offerecido em grande parte pelo povo riobranquense, cujos fructos são destinados a manter a capella de N.ª S.ª do Carmo em um estado digno do culto catholico e da santa padroeira, como também a sustentar os ministros do culto.

Se até o dia, em que tomamos posse do governo da Prelazia do Rio Branco, a dita fazenda era administrada por um procurador, esta administração passou legalmente ao Vigario Geral da Prelazia, quando, no dia 19 de Maio deste anno, na matriz de Marabá e em presença de V. S., procurador da fazenda de N.ª S.ª do Carmo, foi entregue ao meu governo o territorio do Rio Branco desmembrado da diocese do Amazonas.

Sendo, portanto, a fazenda de N.ª S.ª do Carmo do Rio Branco um bem ecclesiastico, cabe-me lembrar a V. S., como catholico, que a Bulla Apostolica, sedis do Papa Pio IX contém duas censuras, pelas quaes ficam excommunicados os que occupam ou detem e usurpam os bens da Igreja.

Termino, pois, que cumpri o meu dever.

Usando da independencia no terreno da nossa competencia exclusiva e nos limites do direito commum, trabalharemos em união pelo progresso da religião, pela civilização dos indios e pelo bem estar de todo o povo no Rio Branco.

Sou de V. S. dedicado e seu em Christo

D. Achario ~~de~~ O. S. B.

Vigario Geral.